



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

DENNYS MAX DOS SANTOS DA CONCEIÇÃO

**GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
AS REPRESENTAÇÕES DAS/DOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ
(IFAP)**

Macapá/AP

2022

DENNYS MAX DOS SANTOS DA CONCEIÇÃO

GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
AS REPRESENTAÇÕES DAS/DOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ
(IFAP)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação, Políticas e Culturas.

Linha de pesquisa: Educação, Culturas e Diversidades.

Orientador: Prof. Dr. Demilto Yamaguchi da Pureza

Macapá/AP
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá
Elaborada por Jamile da Conceição da Silva – CRB-2/1010

C744g Conceição, Dennys Max dos Santos da.
Gênero na educação física escolar: as representações das/dos docentes de educação física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP) / Dennys Max dos Santos da Conceição. - 2022.
1 recurso eletrônico. 75 folhas : ilustradas.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Campus Marco Zero, Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação. Macapá, 2022.
Orientador: Professor Doutor Demilto Yamaguchi da Pureza

Modo de acesso: World Wide Web.
Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

Inclui referências, apêndices e anexo.

1. Educação física – Estudo e ensino. 2. Professores de educação física. 3. Identidade de gênero na educação. 4. Sexo – Diferenças (Educação). I. Pureza, Demilto Yamaguchi da, orientador. II. Título.

Classificação Decimal de Dewey. 22 ed. 372.86

CONCEIÇÃO, Dennys Max dos Santos da. **Gênero na educação física escolar**: as representações das/dos docentes de educação física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP). Orientador: Demilto Yamaguchi da Pureza. 2022. 75 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Campus Marco Zero, Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação. Macapá, 2022.

DENNYS MAX DOS SANTOS DA CONCEIÇÃO

GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
AS REPRESENTAÇÕES DAS/DOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ
(IFAP)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação, Políticas e Culturas.
Linha de pesquisa: Educação, Culturas e Diversidades.

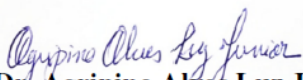
BANCA AVALIADORA



Prof. Dr. Demilto Yamaguchi da Pureza
Orientador e Presidente



Profa. Dra. Helena Cristina Guimarães Queiroz Simões
Membro Titular Interno ao Programa



Prof. Dr. Agripino Alves Luz Junior
Membro Titular Externo ao Programa



Prof. Dr. Daniel Alvarez Pires
Membro Titular Externo ao Programa

Macapá/AP
2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus e meus familiares: minha mãe e meu pai, **Maria do Socorro e José Brasil**, por sempre estarem prontos a me escutar quando me encontrava em maior momento de aflição, ansiedade e dúvida se iria conseguir terminar o mestrado, bem como à minha irmã **Deyse Monique**, por sempre levantar meu astral toda vez que ligava reclamando de alguma situação.

Agradeço ao meu querido esposo e companheiro, **Abel Pojo**, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos, acompanhando de perto os desdobramentos desta pesquisa e minhas transformações pessoais, meus enjos. Contudo, nunca deixou que eu desistisse. Na oportunidade, quero agradecer também às “brincas”, mas também ao carinho e ao amor que me dava toda vez que eu cogitava em adiar este sonho. Gratidão minha arara azul!

Agradeço à **Universidade Federal do Amapá** e ao **Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED)**, pela oportunidade de crescimento como professor e pesquisador, pela formação humana sensível às adversidades que a sociedade nos impõe diariamente, principalmente, no período de ápice pandêmico da COVID-19, tempos difíceis, e que serão eternamente lembrados por todos nós do programa.

Na oportunidade, sinto-me convidado a agradecer ao meu orientador **Demilto Yamaguchi**, pela “visão além do alcance” (risos), quando em 2019 acreditou no meu projeto de pesquisa, e pelas longas orientações que mais pareciam com sessões de terapia pelo tanto que me escutava, ajudava sempre tentando mostrar o quanto eu era capaz de chegar no final. Sou grato eternamente, por me mostrar que um bom pesquisador precisa ter limites, humildade, responsabilidade, ser grato e, com toda sua humanidade, ajudou-me a superar o trauma de professor orientador que eu tinha construído ao longo da minha vida acadêmica.

Aos professores, **Helena Simões e Agripino Luz Junior**, por terem aceito o convite de participar da qualificação e contribuírem de forma significativa com a reelaboração do projeto de pesquisa. Em especial, por terem acompanhado meu trabalho até a finalização do mesmo, serei eternamente grato.

Aos docentes de Educação Física do Instituto Federal do Amapá, sujeitos desta pesquisa, com quem tive a honra de partilhar e aprender durante o contato estabelecido durante a coleta de dados. Uma grande responsabilidade de fazer registros científicos que contribuíram de forma significativa para o crescimento das pesquisas em estudos de gênero, na área da Educação Física.

Aos meus colegas de turma de mestrado, Aline Pacheco, Katia dos Anjos, Izaias Loureiro, Neiva Lana, Jaqueline Reis, em especial, ao **Mateus Pontes**, que contribuiu de forma significativa para que este trabalho tivesse este formato atual durante as aulas de Seminário de Dissertação, e em razão disso, tornou-se um irmão que a academia me deu, bem como tantas outras amigas que entraram na minha vida através desta pesquisa, dentre eles Fernanda Martins, Nubia Caramello, Simone Dias e Edilon Mendes.

Aos meus grandes amigos e colegas de profissão da Educação Física, **Emerson Campos, Iraneide Itelvina e Layana Cardoso**, os quais me inspiro todos os dias, principalmente ao sair de casa para exercer minhas atividades laborais de docente.

Por fim, o desenvolvimento deste trabalho foi uma superação em todos os aspectos da minha vida, desde a descoberta de um “Novo Dennys”, bem como, de novas amizades acadêmicas. Algumas delas ultrapassando os limites da pesquisa, adentrando em meu rol de admiração e gratidão eterna, GRATIDÃO!

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Categorias analíticas propostas no modelo tridimensional.....	14
Quadro 2 – O enquadre para ADC de Chouliaraki e Fairclough (1999).....	15
Quadro 3 – Temas Utilizados nos Questionários.....	40
Quadro 4 – Escala e Identificação dos Sujeitos da Pesquisa. IFAP – 2021.....	40
Quadro 5 – Autopercepção sobre questões de gênero. IFAP – 2021.....	41

LISTA DE SIGLAS

ADC	Análise do Discurso Crítica
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
IFAP	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá
ETFAP	Escola Técnica Federal do Amapá
FIC	Formação Inicial e Continuada
CEFET/PA	Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará
MEC	Ministério da Educação
PPC's	Plano Pedagógico de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS	7
1 METODOLOGIA ADOTADA PARA A PESQUISA	11
2 ELEMENTOS TEÓRICOS SOBRE GÊNERO.....	16
2.1 O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO IFAP E OS ESTUDOS DE GÊNERO.....	23
2.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOCENTES: CONCEITUANDO O OBJETO DA PESQUISA.....	37
3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS APLICADAS AOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO IFAP	39
3.1 PERFIL DAS/DOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO IFAP ENTREVISTADOS	39
3.2 ESTUDO ANALÍTICO SOBRE GÊNERO APLICADO AOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO IFAP.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE A - TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA-CAMPO	62
APÊNDICE B – MENSAGEM AOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO IFAP	63
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)....	64
APÊNDICE D – TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM E/OU VOZ PARA FINS CIENTÍFICOS E ACADÊMICOS.....	65
APÊNDICE E – GUIA DE ENTREVISTA DA PESQUISA.....	66
APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA DA PESQUISA	67
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	68

RESUMO

CONCEIÇÃO, Dennys Max dos Santos da. **Gênero na educação física escolar: as representações das/dos docentes de educação física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP).** Orientador: Demilto Yamaguchi da Pureza. 2022. 75 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Campus Marco Zero, Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação. Macapá, 2022.

Esta pesquisa segue a efervescência dos debates do feminismo, que deram origem aos estudos de gênero, com intuito de aproximar e problematizar o tema “gênero da educação”, sobretudo na Educação Física escolar no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amapá - IFAP. Vale lembrar que esta pesquisa não nega que existam diferenciações biológicas, contudo acredita que a prática diária de perpetuar as diferenças sexuais originou essa divisão que se tornou natural, e ainda que justamente, estes argumentos estruturalistas sustentam um conjunto de estruturas significantes, como a heterossexualidade compulsória e outros marcadores sociais, determinando ou pré-discursando sobre papéis e funções de mulheres e homens. Neste contexto, objetivou analisar as representações das/dos docentes de Educação Física do IFAP, acerca do tema gênero. Fundamentou-se em uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa. O caminho metodológico foi constituído, a priori, de três etapas: 1) Levantamento bibliográfico; 2) Coleta de dados; e 3) Sistematização e análise de dados, elegendo-se a Análise do Discurso Crítica (ADC) em Resende e Ramalho (2019) como técnica de análise de dados. Dos resultados e análise traçados no trabalho, ressaltou-se a realidade de compreensão limitada, em alguns casos negada, em outros distorcidas, das e dos discentes do IFAP, em se tratando do termo gêneros, das relações de gênero que figuram o contexto do ensino da Educação Física no IFAP, são poucos os sujeitos que têm uma noção básica a respeito do tema. Também se evidenciou, dentre as adversidades encontradas, a ausência de ações pautadas na ampliação dos debates sobre a temática, fato que tem reflexo na prática docente, muitas vezes, a/o professor deixa ou precisa encontrar formas e adequações para que possa trabalhar estes conteúdos em suas aulas. Também, para o posicionamento dos e das discentes, no que tange à inclusão do tema em suas aulas, apesar de todos discursarem sobre a importância disso, emergiu dois grupos: os que defendem e são conscientes da necessidade de se trabalhar o conteúdo de gênero na Educação Física, e os que acreditam que é preciso naturalizar o assunto a ponto de não haver mais demanda por abordar tais assuntos em suas aulas. Em conclusão, pontuamos que é preciso, no ensino de Educação Física como um todo, assim como no IFAP, em primeira instância, reconhecer e enxergar as diferenças, inclui-las sim como um conteúdo transversal e multidisciplinar que deve ser posto em prática, estruturar a matriz curricular e reconhecer institucionalmente a demanda existente sobre o debate e as discussões das dicotomias entre gêneros. Por fim, os discentes precisam assumir seu protagonismo como educadores e sua grande responsabilidade na busca pela reestruturação desse cenário que perpetua a sistemática das diferenças de gênero, que limita, tolhe, e oprime pessoas, negando-lhes um direito fundamental de liberdade para ser e construir-se como ser social.

Palavras-chave: Estudos de Gênero. Educação Física Escolar. Representações.

ABSTRACT

CONCEIÇÃO, Dennys Max dos Santos da. **Gender in school physical education: representations of physical education teachers at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Amapá (IFAP).** Advisor: Demilto Yamaguchi of Purity. 2022. 75 f. Dissertation (Master in Education) – Campus Marco Zero, Federal University of Amapá, Coordination of the Graduate Program in Education. Macapa, 2022.

This research follows the effervescence of the debates of feminism, which gave rise to gender studies, in order to approach and problematize the theme "gender of education", especially in school Physical Education in the Federal Institute of Education Science and Technology of Amapá - IFAP. It is worth remembering that this research does not deny the existence of biological differentiations but believes that the daily practice of perpetuating sexual differences originated this division that has become natural, and that precisely these structuralist arguments support a set of significant structures, such as compulsory heterosexuality and other social markers determining or pre-discoursing about roles and functions of women and men. In this context, it aimed to analyze the representations of Physical Education teachers of IFAP, about the gender theme. It was based on field research with a qualitative approach. The methodological path was constituted, a priori, of three stages: 1) Bibliographical survey; 2) Data collection; and 3) Systematization and data analysis, electing the Critical Discourse Analysis (CDA) in Resende and Ramalho (2019) as a data analysis technique. From the results and analysis outlined in the work it was highlighted the reality of limited understanding, in some cases denied, in others distorted, of the students of IFAP when it comes to the term genders, the gender relations that figure the context of the teaching of Physical Education in IFAP, there are few subjects who have a basic notion about the topic. It was also evident among the adversities found, the absence of actions based on the expansion of debates about the theme, a fact that is reflected in the teaching practice, often, the teacher leaves or needs to find ways and adjustments so they can work these contents in their classes. Also, for the position of the students regarding the inclusion of the theme in their classes, although all discuss the importance of this, two groups emerged, those who defend are aware of the need to work the gender content in Physical Education and those who believe that it is necessary to naturalize the subject to the point that there is no more demand for addressing such issues in their classes. In conclusion, we point out that it is necessary in the teaching of Physical Education as a whole, as well as in IFAP, in the first instance, to recognize and see the differences, to include them as a transversal and multidisciplinary content that must be put into practice, to structure the curriculum and institutionally recognize the existing demand on the debate and discussion of the dichotomies between genders, Finally, the students need to assume their protagonist as educators and their great responsibility in the search for the restructuring of this scenario that perpetuates the systematic gender differences that limit, confine, and oppress people, denying them a fundamental right of freedom to be and to build themselves as a social being.

Keywords: Gender Studies. School Physical Education. Representations.

PRIMEIRAS PALAVRAS

No contexto do século XXI, ainda é perceptível a existência de imposição de culturas voltadas para a padronização da sociedade. Atualmente, existem grupos que defendem e outros que questionam a perpetuação do que é estipulado como natural ou cultural ao longo da história. Os indivíduos que sobrepõem suas ideologias¹, buscam silenciar os outros em suas muitas reflexões, desconsiderando os discursos fundadores destes fenômenos mentais² que, de certa forma produzem poder, e têm o potencial de transformar a relação entre esses grupos.

No meio escolar, temas como Estudos de Gênero, quando não são silenciados, produzem justamente estas reflexões com intuito de promover adaptações e flexibilidades destes padrões e estereótipos sociais. Em posicionamento contrário a este debate, existem grupos que defendem uma escola mais disciplinada, padronizada e repleta de ordens.

Para autoras como Louro, Felipe e Goellner (2013), a partir deste movimento social nasce um debate de opiniões que, ao adentrar os muros da escola, traduz-se em uma diversidade de conhecimentos, práticas pedagógicas e currículos escolares. Apesar do reconhecimento dessa diversidade, algumas escolas e grupos sociais ainda suscitam a padronização de sujeito, mesmo que inconscientemente. Em seu texto, as autoras apontam que, tradicionalmente, a escola considera como estudantes bem-sucedidos somente aqueles que conseguem fixar conhecimentos, desconsiderando outros elementos. Isso é um exemplo muito comum de se conceber uma educação com um caráter mais tradicional e disciplinar.

Pensemos que os sujeitos, quando imersos em uma determinada sociedade, podem ou não, tornar-se concordantes com suas regras. Contudo, o que é levado em consideração para inserir-se nesta sociedade são estereótipos padronizados e impostos sempre pela “maioria”, não se tomando esse termo pelo sentido de maior quantidade de pessoas, mas sim relacionado àquele grupo que possui maior poder nas esferas econômicas, políticas e sociais.

Ao tratar de assuntos como as relações de gênero na escola, pensa-se, então, que todos os sujeitos imersos neste ambiente estão submetidos a esta diversidade de relações sociais, sejam eles professores, alunos ou outros profissionais da instituição. Para Louro (2014), sujeitos

¹ Concordaremos com o conceito de Ideologia segundo Resende e Ramalho (2019), sendo significações/construções da realidade, ou seja, “em princípio são representações, mas podem ser legitimadas em maneiras de ação social e inculcadas nas identidades de agentes sociais” (p. 57). Bem como, “exercem relações de poder quando tornam discursos particulares em hegemônicos, contribuindo na sustentação ou na transformação de relações de dominação” (p. 50).

² Para Resende e Ramalho (2019, p. 38) é uma parte da prática social sendo caracterizados pelas crenças, valores e desejo, ou seja, constituem a ideologia.

que fogem da padronização das relações de gênero, acabam sendo diferenciados dos demais, designados a compor um grupo social que, hoje, denominamos de minoria, o qual descumpre os padrões tidos como naturais e impostos pela maioria.

Neste contexto, esta pesquisa segue a efervescência dos estudos feministas, que segundo Scott (1995), desdobra-se nos estudos de gênero. Procura-se observar e analisar a Educação Física no universo escolar sob a ótica das relações de gênero na educação.

Na perspectiva da Educação Física escolar, este trabalho não tem a intenção única de negar ou condenar os argumentos biologizantes, mas sim de olhar para os discursos dos docentes pautados nestes posicionamentos sobre as relações de gênero historicamente naturalizadas, verificando como se encontra este diálogo entre docente e ambiente escolar, sobretudo no componente curricular de Educação Física, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP).

Acredita-se que os docentes do componente curricular Educação Física, sujeitos dessa pesquisa, possuam uma infinidade de possibilidades de representações, práticas e relações sociais, os quais estão impregnados de ideologias. Neste sentido, concordamos com Resende e Ramalho (2019, p. 49) que a “ideologia é, por natureza, hegemônica, no sentido que necessariamente serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e, por isso, serve para produzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes”. O docente, atuando, produz um espaço de ensino e aprendizagem mútuo, que torna as suas aulas um laboratório de várias relações sociais, na maioria das vezes, disciplinadoras, imbuídas de múltiplos significados, discursos e percepções da realidade.

Nesse contexto, surge a inquietação que dá origem à seguinte pergunta: **Quais as representações das relações de gênero das e dos docentes de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP)?** Para buscar responder a essa questão, adotamos como objetivo principal deste estudo analisar essas as representações das/dos docentes em relação ao tema relações gênero nas aulas de Educação Física escolar, bem como, por conta do método de análise adotado, refletir sobre elas.

Para construir esta pesquisa, foi necessário estabelecer objetivos secundários: compreender o debate sobre o tema gênero no cotidiano das professoras e dos professores de Educação Física escolar; caracterizar a Educação Física no *locus* de pesquisa; e analisar os discursos docentes fundidos às representações sociais das relações de gênero destes docentes.

A metodologia constitui-se de levantamento bibliográfico; coleta de dados primários, por meio de questionários e entrevistas; e sistematização e análise de dados, elegendo-se a

Análise do Discurso Crítica (ADC), em Resende e Ramalho (2017). As etapas metodológicas estão mais bem descritas na primeira seção do trabalho.

Importante salientar que no decorrer da revisão de literatura, apesar de um crescimento em pesquisas na temática gênero apontado pelos autores Luz Junior (2003) e Silva e Aguiar (2019), nos deparamos com uma baixa produção de pesquisas com o mesmo tema do nosso estudo, principalmente na perspectiva pós-estruturalista, a qual visa analisar sobre como estes docentes representam a temática gênero na Educação Física escolar.

Em nível nacional, apontamos a escassez nos bancos de dados visitados³ de pesquisas que relacionam os mesmos descritores que os nossos, que foram: Professores; Educação Física Escolar; Gênero e; Instituto Federal. No entanto, não podemos afirmar um ineditismo deste estudo, visto que nem todas as pesquisas são disponibilizadas em banco de dados *online*.

A discussão que se tenta suscitar no texto é justamente sobre um tema tido como transversal ao cotidiano escolar, mas, que segundo alguns estudos, organizam o modo de viver dos indivíduos dentro de uma sociedade, as relações de gênero. Para tanto, problematizar este tema no ambiente educacional, é justamente ficar circunstanciado ao entendimento, à vontade ou à necessidade das e dos docentes, bem como, da própria escola.

A intenção é que o texto se torne fluido e de fácil acesso, mesmo para aqueles leitores que não são formados em Educação Física, pois, o presente debate é capaz de contribuir na compreensão de relações sociais nas mais diversas áreas do conhecimento, bem como, traz contribuições significativas ao meio acadêmico para novos trabalhos científicos, espaços universitários, na política, em novas organizações curriculares da Educação e da Educação Física escolar, ou até mesmo questionar e/ou reforçar as mais diversas teorias que contribuem para a formação da sociedade.

Esta pesquisa se mostra promissora ao criar um espaço de diálogo entre os saberes docentes e as suas reflexões, produzindo infinitas (des)construções na equidade das relações de gênero na Educação. O tema, quando inserido no âmbito escolar é igualmente promissor e interdisciplinar, pois é capaz de quebrar o silêncio e a ocultação, consciente ou não, cristalizadas pela diferenciação histórica do convívio entre a mulher e o homem. Esta diferença, que muitas vezes é dada como fixa e imutável, alimenta relações de poder que perpetuam as desigualdades entre esses indivíduos.

³ Foram visitados para construção desta pesquisa o Catálogo de Teses & Dissertações – CAPES e os Anais do Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte, escolhidos pelos motivos de serem os principais e mais atuais repositórios de trabalhos acadêmicos científicos na área de Educação Física.

A importância de escolher o IFAP como *locus* de pesquisa deu-se, sobretudo, por ser uma instituição relativamente nova⁴, capaz de divulgar dados relativos à realidade local, fornecendo dados qualitativos sobre o tema para estudos futuros, principalmente dentro da instituição, bem como, para a área de formação de professores e programas de pós-graduação que se interessem pelo tema.

Além disso, houve motivações pessoais deste pesquisador, em que, no meu “lugar de fala”⁵, enquanto professor, pesquisador, homem, gay e pobre, compreendo e percebo relações de poder no binarismo entre mulheres e homens. Entendo que essas relações, quando desequilibradas, influenciam e perpetuam problemas que se ligam a inúmeras categorias como classe, raça, identidade sexual e uma série de outras categorizações sociais. E como docente, acredito que a Educação Física pode ser um elemento dentro de um ambiente interdisciplinar capaz de proporcionar dados e reflexões para estes padrões sociais dados como fixos e imutáveis.

Para encerrar estas primeiras palavras, sinaliza-se que nas próximas seções do trabalho estão organizadas e estruturadas em quatro partes. A primeira traz em seus componentes a descrição dos procedimentos metodológicos adotados no desenvolvimento da pesquisa. A segunda apresenta os elementos teóricos sobre gênero que foram selecionados e que serviram de suporte a fundamentação teórica do estudo, bem como, embasaram as discussões traçadas na análise dos fatores identificados na pesquisa. Em sequência tem-se a narrativa do contexto da Educação Física Escolar no IFAP e os Estudos de Gênero, seguido de descritiva dos elementos de Representações Sociais Docentes, ponto ao qual é conceituado o objeto da pesquisa. A terceira etapa compõem a análise das entrevistas aplicadas aos docentes de Educação Física do IFAP. Esta, integra duas subseções, a que apresenta o perfil das/dos docentes de Educação Física do IFAP que foram entrevistados e a outra engloba os estudos analíticos sobre gênero aplicado aos docentes de Educação Física do IFAP. Em fechamento, temos as considerações finais, nas quais fazem-se os apontamentos acerca das reflexões feitas no bojo do que foi apresentado nos resultados deste estudo.

⁴ Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia foram criados no ano de 2008, pela Lei nº 11.892 a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

⁵ Termo emprestado de Ribeiro (2019), para salientar que não se trata de uma ideologia de verdade, mas de um olhar diferente, trazendo outras reflexões sobre assuntos que rompem uma narrativa dominante, baseada em subjetividades e percepções de alguns sujeitos. “Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequentemente da hierarquia social” (p. 64).

1 METODOLOGIA ADOTADA PARA A PESQUISA

Esta pesquisa nasceu de um projeto florescido em tempos pandêmicos. Por conta destes momentos, o conceber da dissertação passou por alguns momentos de dificuldades nas escolhas metodológicas, firmando-se após a qualificação do projeto de pesquisa, considerado por este autor um dos momentos mais importantes para a readequação desta seção do texto.

O caminho metodológico constitui-se, a *priori*, de três etapas: 1) Levantamento Bibliográfico; 2) Coleta de Dados; e 3) Sistematização e Análise de Dados, elegendo-se a Análise do Discurso Crítica (ADC) em Resende e Ramalho (2017) como técnica de análise de dados.

Este estudo, classificado como pesquisa social, possui variáveis humanas envolvidas no processo, as quais necessitam de um tratamento qualitativo que ultrapasse as barreiras impostas pelo positivismo, como a objetividade, a quantificação, a experimentação e a generalização. Tais características dificultariam principalmente o término desta pesquisa, que reconhece a diferença entre os objetos das ciências humanas e sociais, das ciências físicas e biológicas (GIL, 2008).

Assim sendo, a abordagem qualitativa será um dos caminhos metodológicos escolhidos, pois é capaz auxiliar na compreensão de um debate que leva em consideração particularidades relevantes das relações sociais e a pluralização das esferas de vida, necessitando de um olhar que tente não comparar e sim perceber a subjetividade e o todo dos sujeitos. Neste aspecto Flick (2009, p. 20), diz que:

As expressões-chaves para essa pluralização são a “nova obscuridade” (Habermas,1996), a crescente “individualização das formas de vida dos padrões biográficos” (Beck, 1992) e a dissolução de “velhas” desigualdades sociais dentro da nova diversidade de ambientes, subculturas, estilos e formas de vida. Essa pluralização exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões.

Enquanto corrente filosófica, adotou-se a teoria pós-estruturalista, baseada em Williams (2013), que representa o pós-estruturalismo como uma prática interminável de trabalho crítico e construtivo, levando em consideração as verdades e certezas mutáveis do estruturalismo que, interligando-se diretamente às esferas sociais e políticas, atende ao requisito de compreensão de mundo para construção deste estudo.

Peters (2000), complementa que, ao mesmo tempo, faz-se um movimento reacionário às ideias do estruturalismo e outras ideias filosóficas; contudo o pós-estruturalismo é

revolucionário pela forma que se propõe a pensar a história. Assim os pós-estruturalistas procuram os efeitos de um limite definido como diferença. Williams (2013, p.20), concorda e diz que:

Se a esquerda em política é definida como uma política para os que estão à margem, para os excluídos e para os que são definidos como inferiores e assim mantidos, então o *pós-estruturalismo é uma política de esquerda*. Se a direita em política é definida como uma de verdades e valores fixos, sejam tradições fixas, ou valores inalienáveis, ou verdades morais eternas, então o pós-estruturalismo se opõe a esta política. E atrai a fúria e o repúdio da direita.

Para tanto, a teoria abre possibilidade de questionamentos e discussões relativas à desconstrução, ou à desnaturalização do estruturalismo, que seria para autores acima como a sociedade é organizada. A lente pós-estruturalista, como um dos métodos de compressão desta pesquisa, pretende refletir como se constitui essas as relações binárias, na perspectiva dos estudos de gênero, como centralidade e verdade absoluta.

A pesquisa é também denominada de Campo, sendo escolhido o IFAP como *locus* da pesquisa, emprestando os entendimentos de Flick (2009, p. 110), para quem parafraseia que “o termo genérico campo pode designar uma determinada instituição, uma cultura, uma família, um grupo específico de pessoas com uma biografia especial, tomadores de decisões em administrações ou empresas, e assim por diante”.

Os sete (07) sujeitos da pesquisa correspondem a todos os docentes de Educação Física do IFAP, sendo este o único critério de inclusão dos mesmos neste estudo. Adotou-se como critério de exclusão aqueles que não quisessem participar da pesquisa ou estivessem com alguma licença oficial que os impedissem de contribuir com esta investigação. Todos tiveram suas identidades preservadas e durante as análises foram utilizados marcadores de N1 a N7, conforme ordem cronológica de participação na pesquisa.

Como técnicas coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos: um questionário e uma entrevista semiestruturada. O primeiro foi construído na plataforma Google Forms, com questões acerca do perfil sociodemográfico, formação inicial e continuada, encaminhado juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Cessão de Uso de Imagem e/ou voz para Fins Científicos e Acadêmicos, para os e-mails institucionais dos sujeitos da pesquisa.

Respeitando o aceite dos sujeitos, o segundo instrumento utilizou-se da Plataforma *Google Meet* para realizar e gravar as entrevistas semiestruturadas, de modo *online*. Mais tarde,

essas entrevistas foram transcritas com auxílio do programa disponibilizado pelo site Reshape⁶. Flick (2009) diz que através da entrevista, quando bem conduzida, os sujeitos conseguem expressar-se espontaneamente, respondendo a perguntas abertas e fechadas, concluída por uma questão que a confronte. A autora orienta que o pesquisador organize um guia de entrevistas, recomendação que foi acatada neste estudo e encontra-se no apêndice E.

A coleta de dados, respeitou algumas etapas necessárias, como a qualificação, aprovação do projeto no comitê de ética e autorização da escola, no caso o IFAP. As entrevistas foram agendadas conforme disponibilidade e aceitação dos sujeitos. As entrevistas com os docentes totalizaram 4,7 horas de conversação, o registro foi feito através de uma gravação de áudio e vídeo, devidamente assegurada a confidencialidade dos sujeitos através dos termos dos apêndices C e D.

Para o tratamento e análise dos dados coletados, apropriou-se da Análise de Discurso Crítica – ADC (RESENDE; RAMALHO, 2019) por acreditar que os sujeitos desta pesquisa (inter)agem com o meio social, através de discursos historicamente situados, permeados de relações de poder que formam os indivíduos, atuando com pessoas e sobre elas. Logo, as e os docentes de Educação Física, sujeitos de análise, podem ser capazes de construir representações, saberes e projeções do mundo por meio de gêneros discursivos e, ainda, proporcionar para este trabalho compreensões e reflexões de uma prática social pautadas nos discursos, nas relações sociais, permeados por fenômenos mentais que originam e constroem a esfera social desses indivíduos.

A Análise do Discurso Crítica (ADC), é potente para esta pesquisa por entender que o discurso do sujeito possui características tridimensionais, sendo estas divididas em texto, prática discursiva e prática social, entendendo a linguagem, como parte constitutiva e inseparável do social, capaz de construir e ressignificar a vida em sociedade.

Tecemos a crítica para trazer à luz tanto processos sociodiscursivos ideológicos, com potencial para manter relações de dominação características do sistema mundial capitalista-patriarcal (de hierarquização de valor de raça, etnia, territorialidade, gênero social, sexualidade, classe econômica, capacidades físicas e mentais, idade/geração etc.), quanto para lançar luzes sobre processos sócio discursivos contra ideológicos, que, partindo da conscientização dos primeiros, avançam em direção a práticas sociais de leitura-escrita-escuta-oralidade transformadoras, potencialmente capazes de ajudar a superar tais relações de dominação. (IRINEU *et al.*, 2020, p. 13).

⁶ O programa de transcrição é pago por minutos de entrevistas transcritas, e pode ser encontrado no sítio <https://www.reshape.com.br/>. Contudo a acurácia da transcrição automática do material não ficou muito coerente, faltando muitas palavras e foi necessária uma intervenção manual para que pudéssemos utilizar as transcrições nas análises.

Para Resende e Ramalho (2019), o discurso também é visto como um instante da prática social. Para tanto, baseados nas teorias de Fairclough e o modelo tridimensional de análise do discurso, os autores sugerem que o discurso é somente um instante da prática social e sua análise. Neste método, são dadas pelo texto, sendo possível assim perceber informações necessárias para explorar as estruturas de dominação, as operações de ideologia, ou até mesmo, as relações sociais. A análise do Discurso Crítica:

[...] privilegia a concepção de linguagem como prática social, voltando-se para o desenvolvimento de pesquisas sobre representações, ideologias, letramentos, discurso de/sobre grupos minoritários e/ou em situação de vulnerabilidade social, identidades, desconstrução de relações assimétricas de poder e descolonização do saber. (IRINEU, *et al.*, 2020, p.18)

Para tanto, a prática discursiva deve ser entendida pelos processos de produzir, distribuir e consumir texto. Tanto as práticas discursivas, quanto os textos delas originadas, são processos sociais que se relacionam com ambientes econômicos, políticos e institucionais, ou seja, uma prática social. A origem de uma prática discursiva pode variar entre os diferentes tipos de discurso, relacionando-se com diversos fatores sociais. Logo, é uma das características do discurso, intermédio entre o texto e a prática social, todos compondo uma prática particular envolvendo inúmeras variáveis da vida em sociedade (RESENDE; RAMALHO, 2019).

O próprio método de análise sugere categorias para organizar os discursos do sujeito, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 – Categorias analíticas propostas no modelo tridimensional.

TEXTO	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICA SOCIAL
Vocabulário Gramática Coesão Estrutura textual	Produção Distribuição Consumo Contexto Força Coerência Intertextualidade	Ideologia Sentidos Pressuposições Metáforas Hegemonia Orientações econômicas, políticas, culturais e ideológicas.

Fonte: Adaptado de Resende e Ramalho (2019, p. 19).

Na primeira coluna da tabela acima, os autores sugerem que sejam estudadas palavras individuais, expressões articuladas, os elementos de ligação entre as frases. Na segunda coluna, seriam os mecanismos que articulam os vários discursos, mostrando de que forma esses elementos convergem, ou não, para o cotidiano investigado. Na terceira coluna, é possível

perceber as repercussões desse discurso nos sujeitos, que podem produzir características (des)contínuas ou como determinadas práticas discursivas interferem no cotidiano, na atividade social e nas interações sociais.

Com intuito de cumprir o método proposto por Resende e Ramalho (2019), também seguimos a estrutura de análise e as etapas sugeridas, que são baseadas no “enquadre para ADC de Chouliaraki e Fairclough (1999)”, conforme é representado pelo quadro abaixo:

Quadro 2 – O enquadre para ADC de Chouliaraki e Fairclough (1999).

ETAPAS DO ENQUADRE PARA ADC DE CHOULIARAKI E FAIRCLOUGH (1999)		
1) Um problema (atividade, reflexividade)		
2) Obstáculos para serem superados	(a) análises de conjunturas	(i) práticas relevantes
	(b) análise da prática particular	(ii) relações do discurso com outros momentos da prática
	(c) análise de discurso	(i) análise estrutural
		(ii) análise interacional
3) função do problema na prática		
4) possíveis maneiras de superar os obstáculos		
5) Reflexões sobre a análise		

Fonte: Adaptado de Resende e Ramalho (2019, p. 37).

Para facilitar a construção do texto das análises, resolvemos criar três categorias de análises, sendo elas: (1) Aspectos relacionados ao entendimento do conceito gênero e compreensão das relações de gênero para os docentes; (2) Práticas pedagógicas da Educação Física Escolar no IFAP, na perspectiva dos estudos de gênero, e; (3) Posicionamento em relação ao debate das questões de gênero dentro das aulas de Educação Física no IFAP.

2 ELEMENTOS TEÓRICOS SOBRE GÊNERO

O mundo contemporâneo tem dialogado cada vez mais sobre igualdade nas relações entre homens e mulheres nas mais diversas esferas da sociedade, sobretudo, na educação. Nesse sentido, todas as esferas da vida perpassam através das questões de gênero.

Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições "fabricam" os sujeitos. Busca-se compreender que a justiça, a igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc. (*sic*) são atravessadas pelos gêneros: essas instâncias, práticas ou espaços sociais são "generificados" — produzem-se, ou "engendram-se", a partir das relações de gênero (mas não apenas a partir dessas relações, e sim, também, das relações de classe, étnicas, etc.) (LOURO, 2014, p. 29).

Com isso, a escolha da maioria das bibliografias que compõem a base teórica desta pesquisa, justifica-se pela importância dada ao tema, e a repercussão obtida no meio científico. Justamente por perceber que, estas relações de gênero determinam as relações de poder na nossa sociedade. O tema gênero, inserido em diferentes esferas sociais, acaba forjando identidades nos sujeitos, que faz parte dele e o constitui, assim como, a etnia, a classe, a sexualidade ou mesmo a nacionalidade, por exemplo (SCOTT, 1995; LOURO, 2014).

Deste modo, surge uma infinidade de possibilidades no campo da pesquisa na perspectiva das relações de gênero, uma nova era das pesquisas de cunho social. Todas impulsionadas por este novo movimento de pensar essas relações em sociedade, que vão além do referencial dos papéis⁷ em sociedade definidos pelo masculino e feminino. Para Scott (1995) as relações de gênero sempre serão formadas socialmente através de uma estrutura social de poder, pois “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Corroborando, Louro (2014, p. 32), apresenta que as relações na perspectiva de gênero constroem sujeitos masculinos e femininos, bem como, estão em constante transformação. A autora acrescenta que, essas relações são atravessadas por uma diversidade de discursos, símbolos, representações, disposições e que organizam a forma de ser e estar no mundo atual.

⁷ Para Louro (2014), “Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar” (p. 28). Homens e mulheres vivendo em uma sociedade e respondendo às expectativas concebidas e sustentadas pelo meio em que vivem.

Debater sobre gênero, é também, permitir uma reflexão diante das relações sociais, nas mais diferentes esferas da vida, que estamos inseridos. Decerto, é um caminho para desconstruir alguns conceitos (re)produzidos e elaborados historicamente, desdobrando-os em questionamentos e reflexões sobre a sua história e do meio em que se vive. Logo, as relações de gênero estão intrinsecamente conectadas aos papéis sociais destinados às mulheres e aos homens.

Para Scott (1995) e Louro (2014), o termo gênero tem se tornado protagonista de muitas discussões, principalmente nas escolas, e em pesquisas que se utilizam do conceito como categoria de análise. Sendo, portanto, um assunto de extrema importância para obras como, Luz Júnior (2003), que critica a confusão teórica entre o que é sexo e gênero; e problematiza as questões de gênero na Educação Física escolar, ressignificando a visão biologizante que por muito tempo naturalizaram várias relações sociais numa perspectiva binária de gênero dentro da escola.

É importante ressaltar a importância de autoras como Scott (1995), que percebe o tema gênero como uma categoria histórica de análise para entender a estruturação da sociedade atual; Butler (2019), que entende o conceito gênero surgindo em torno das relações entre os sujeitos e sua interação com o meio onde vive, ou seja, gênero como uma construção social; e Louro, Felipe e Goellner (2013) e Louro (2014) que permitem analisar o conceito sempre de forma interdisciplinar, problematizando e contribuindo nas mais diversas áreas do conhecimento.

É válido acrescentar que Butler (2019), tem uma visão sobre gênero e sexo como construído socialmente. Para a autora os dois conceitos são permeados de significados que ajudaram ao longo da história na definição do que é ser homem e o ser mulher, definindo assim, o que é certo, ou errado para tais. Continua a autora, afirmando que o gênero tido como subversivo têm uma função social, pois:

A perda das normas do gênero teria o efeito de fazer proliferar as configurações de gênero, desestabilizar as identidades substantivas e despojar as narrativas naturalizantes da heterossexualidade compulsória de seus protagonistas centrais: “os homens” e “mulheres” (BUTLER, 2019, p.252).

Interessante é perceber que toda esta conceituação acaba desenvolvendo uma condição para os sujeitos que, ao ultrapassarem estes limites, representam perigo para outro. Tudo isto, retroalimentando o que Butler (2019), chama em seu último capítulo de performatividades sociais de gênero.

Meyer (2013) e Goellner (2013), em seus textos mostram reflexões que ajudam a desconstruir o discurso naturalizado nas relações entre homens e mulheres e que eram tidas como fixas e imutáveis. Os textos contribuem para que reflitamos sobre as diferenças impostas por representações das feminilidades e masculinidades. O fato é, que tais imposições para delimitar o gênero dos sujeitos, é que são determinantes para uma desigualdade social e simbólica, determinada principalmente pela biologização, naturalização, e imposição cultural do conceito.

No âmbito escolar, Louro (2014), sugere que o termo gênero, opera como constituinte da identidade dos sujeitos, problematizando a escola que gera diferenças e cria marcadores, a partir de um “padrão social hegemônico branco, masculino, heterossexual e cristão”. (LOURO, 2014, p.53).

Neste sentido, reforçando que as relações de gênero são primordiais para formação de papéis identitários dentro da nossa sociedade, além de ocasionar características naturalizadas que forjam marcadores sociais, combinadas ou não, com outros como idade, raça, sexualidade, local onde moram ou profissão destes sujeitos.

Para tanto, se não refletirmos sobre as nossas relações de gênero, caso desiguais, quando combinadas com os outros marcadores sociais, potencializarão posições hierarquizadas. Tais posições, permeadas de relações de poder entre estes sujeitos, podem estar presente também dentro da escola. Contudo, pode-se, ao mesmo tempo, fazer um movimento contrário de resistência e desconstrução em relação a esta naturalização da hierarquia nas relações sociais na perspectiva de gênero (LOURO, 2014).

Outro problema no meio escolar é o ocultamento e silenciamento deste debate. Negar a existência deste, também é uma prática docente, mas, explorar esta temática é percebê-lo de alguma forma, e pode tornar-se um caminho a ser tomado.

Para Maio (2019), o próprio ambiente escolar é permeado de uma grande quantidade de informação sobre o tema gênero, não só numa perspectiva abstrata, mas no que se materializa através das ações, e sugere que os educadores tenham este olhar mais sensível ao tema, o que a autora chama de “colocar os óculos de gênero”.

Na escola, consciente ou inconscientemente, (re)produzimos diariamente uma lógica onde existem vários estereótipos que determinam naturalmente/culturalmente posições para meninas e meninos. É assim que se dão as construções sociais na perspectiva de gênero, justamente nessas relações, onde, mulher e o homem, suas feminilidades e masculinidades são

definidos por uma gama de condutas, gestos, hábitos, valores, que lhes foram conferidos ao longo da história.

Os (as) docentes e os (as) demais profissionais da escola, atuantes ou em processo de formação (re)produzem essa lógica, frequentemente sem questioná-la[...] O cotidiano da maioria das escolas é permeado de estereótipos que reiteram determinadas posições como sendo "naturalmente" para as meninas e para os meninos, desde a decoração das portas, paredes da até os papéis de teatros que são atribuídos às crianças (MAIO, 2019, p. 24).

Os desdobramentos destas reflexões fazem apontamentos para outros subtemas como denúncias sobre sexismo, opressão nas relações de trabalho, nas práticas educativas, sobre trabalho doméstico, produzindo até mesmo paradigmas conhecidos até hoje, como o patriarcado. Para Louro (2014), com os desdobramentos dos debates de gênero é que percebemos que em nossa sociedade existe marcadores sociais tido como padrões, sendo eles a “hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã” (p. 53).

Para Meyer (2013), todo o debate sobre gênero na sociedade é uma trajetória marcada por conflitos. Partindo principalmente das reflexões daqueles que defendem e reforçam uma justificativa biológica ou teológica para estas diferenças e desigualdades, bem como, aqueles que se usam destas mesmas justificativas para naturalizar culturalmente estas relações de poder, travando uma guerra histórica construída na perspectiva das relações entre os homens e as mulheres.

Pensando desta forma, na década de 1970, Beauvoir (1970) afirmava que atravessaríamos um período de transição de um mundo pertencente aos homens, onde as instituições e valores da civilização patriarcal se chocariam com as principais questões da relação das mulheres. Surgiria a busca pela independência feminina e, paralelamente, caminharia também rumo a uma opressão. A exemplo, a autora exemplifica discursos que reforçam ações sexistas proferidos naquela época pela U.R.S.S., em que as mulheres precisavam estar sempre à disposição dos homens. Nesse discurso Beauvoir ressalta que: “[...] um discurso recente convidava as cidadãs soviéticas a cuidarem dos vestidos, a usarem maquilagem, a se mostrarem faceiras para reter seus maridos e incentivar-lhes o desejo” (1970, p.79).

Em termos gerais, Simone de Beauvoir se tornou destaque naquela época, expondo que as feminilidades estavam submissas e dominadas pelas masculinidades, como a servidão de um escravo ao seu senhor. Sobre a relação entre homens e mulheres, a autora afirma que tudo que não era homem, em uma relação de alteridade, a mulher se tornaria o outro. E

simplesmente por não ser homem, a mulher não tinha definição e sim empresta o oposto dos homens, através dos olhos dos homens. Interessante, que as observações apontadas sobre as desigualdades naquela época, mostravam um papel de submissão dentro de um conjunto de significados hierarquizados (BEAUVOIR, 1970).

Para Butler (2019), em suas longas reflexões acreditando que gênero e sexo são construções sociais, não faz negação às diferenciações biológicas, contudo, explica que a prática diária de perpetuar essas diferenças originou essa divisão natural/cultural, e recusa aos argumentos estruturalistas que um conjunto de estruturas significantes, como a heterossexualidade compulsória, determinem ou pré-discurem este sujeito mesmo antes dele se tornar falante.

Em outras palavras, o “sexo” impõe uma unidade artificial a um conjunto de atributos de outro modo descontínuo. Como *discursivo e perceptivo*, um “sexo” denota um regime epistemológico historicamente contingente, uma linguagem que forma a percepção modelando a força as inter-relações pelas quais os corpos físicos são percebidos (BUTLER, 2019, p. 199).

Butler (2019), para efeitos analíticos, separa gênero e sexo, sendo o primeiro termo um elemento cultural e construtor de identidades dentro de uma sociedade, e o segundo um elemento biologizante. Assim, esta relação (sexo e gênero) pode não ocorrer, contudo para a autora é possível a existência de um gênero feminino em sexo masculino, e vice e versa.

(...) não faz sentido definir gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido com uma inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como sexo para a natureza (BUTLER, 2019, p. 27).

Numa perspectiva pós-estruturalista, gênero é entendido como “meio discursivo/cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou um “sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual age a cultura*” (BUTLER, 2019, p. 27).

Para além, o que se pretende com a perspectiva do pós-estruturalismo é explicar as relações de dominação existentes na sociedade. Tal compreensão só é possível se usarmos a estrutura para explicar a si própria, mostrando as fragilidades e legitimações dessas dominações que vai além do aspecto econômico incluindo questões étnico-raciais, de gênero e de

sexualidade. Nas diversas formas de dominação, um determinado grupo social, “na maioria das vezes”, é visto como hegemônico, estabelecendo relações assimétricas de poder a outros grupos que são vistos socialmente como subordinados, também chamados de minorias (PETERS, 2000).

Para tanto, existem similaridades entre o estruturalismo e o pós-estruturalismo, pois ambos entendem que a linguagem e cultura são sistemas simbólicos, e que constantemente desenvolvem estratégias, considerando a realidade como uma construção social e também subjetiva. Para Willians (2013, p.14), “segundo os pós estruturalistas, esta segurança negligencia os papéis perturbadores de limites irregulares de estrutura”. Ou seja, diferentemente do estruturalismo, que engendra alguns conceitos, o pós-estruturalismo surge com o objetivo de repensar e reanalisar todas as teorias e conceitos considerados como verdades absolutas e imutáveis, que organizam a nossa sociedade.

Uma das principais autoras sobre os estudos de gênero que enriquece o arcabouço teórico deste trabalho, segue uma perspectiva pós-estruturalista. Judith Butler (1999), inicialmente analisa essas relações entre homens e mulheres, entre a heterossexualidade e homossexualidade, conseguindo evidenciar que a construção do dispositivo da sexualidade é marcada por normas heterossexuais, por exemplo.

Para a autora, com o uso da perspectiva pós-estruturalista é possível perceber, por exemplo, uma heteronormatividade construída e reforçada culturalmente, e que por muitos ainda é tida como única via de comportamento em sociedade, fazendo-se necessário romper esses conceitos fixos e imutáveis, para dar lugar, também, à existência de diferentes outras identidades de gênero, desdobrando uma nova organização da vida em sociedade.

Para Scoot (1995), além do gênero se tornar uma constituição primária das relações sociais, ele também indica que existem quatro elementos que o compõem: os símbolos, os conceitos normativos, a concepção política – bem como uma referência às instituições e à organização social –, e a identidade subjetiva. Todos estes elementos operando de forma conjunta e inseparáveis em um campo onde o poder é articulado.

Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas (SCOTT, 1995, p. 88).

De fato, considerando estas afirmativas podemos refletir que estes discursos sexistas cristalizados ao longo da nossa história, forjam a nossa educação e as mais diferentes esferas sociais que frequentamos como a família, a igreja, a sociedade e a própria escola. Perpetuados através de política, reformas jurídicas, movimentos sociais e outros, de ordem mais abstrata, como os meios de comunicação, a internet, nossas vestimentas, e até mesmo a Educação Física escolar, bem como, nossas representações docentes no âmbito escolar.

Por outro lado, é importante pensar o porquê de um tema que constrói nossa sociedade é intencionalmente ocultado/silenciado? A resposta, que atualmente, cabe a esta pergunta, está no texto de Sepulveda (2019) que fala sobre o respaldo em um discurso permeado de conceitos a favor de uma moral conservadora que neutraliza a história e eterniza as estruturas das divisões sexuais. Para a autora, o movimento de ocultação da temática gênero, aconteceu na educação desde que movimentos conservadores organizados e articulados, proliferaram e enfrentaram o que denominaram “ideologia de gênero”.

Estes movimentos de resistência à implantação de debates que versem sobre às questões de gênero, sobretudo na instituição escola, permeiam discursos sustentados na crença, de que falar sobre o assunto estimula as mudanças no comportamento das/dos discentes, e que vão contra ao que é natural e cultural e dentro ambiente escolar, e ainda, estimula a famosa “ideologia de gênero” neste ambiente.

Estes movimentos mais tradicionais, que não deixam de ser sociais, não passam de uma narrativa que tenta naturalizar a desigualdade social, através da supressão e da circulação do termo gênero de legislações mais atuais da educação brasileira, o que interfere e torna legalmente desnecessário tal debate nas práticas escolares.

O problema, então, do discurso conservador é seu poder de persuasão. Como bem analisa Mannhein (1959), o conservadorismo nasce do tradicionalismo; portanto, tem um forte significado social e identitário, tornando mais fácil, para uma parcela da população, se identificar com seu discurso. Isso potencializa a já mencionada carga emotiva do termo. E tal potencialização impulsiona a organização de grupos proativos em defesa da “moral e dos bons costumes”, muito em voga atualmente no país e no mundo (SEPULVEDA; SEPULVEDA, 2019, p.873).

Decerto, presenciamos um grande conflito (pode-se dizer uma guerra) na perspectiva de gênero. De acordo com Beauvoir (1970), o que está em guerra não é o sexo, as suas feminilidades e as masculinidades, mas justamente a diferença e a oposição em que foram constituídos e a disputa para que alguém sempre esteja no e com o poder. Logo, apesar dos

termos sexo e gênero serem termos parecerem interdependentes, sempre estão, e sempre estiveram em tensão, mesmo quando silenciados e ocultados.

Por fim, argumentar sobre relações de gênero no cotidiano escolar, tem se tornado uma tarefa difícil, principalmente, no atual momento histórico e político que estamos vivenciando. Por falta de conhecimento, falar sobre gênero, para muitas pessoas, é travar uma guerra dos sexos, o que não se torna benéfico, muito menos interessante para a discussão. Pois, o que realmente sustenta o discurso desta “guerra dos sexos” são duas realidades, sendo elas, o não falar sobre o assunto, mas saber que elas acontecem a todo momento ao nosso redor. Para tanto, a próxima seção vai ser responsável por discutir sobre a escola, a Educação Física escolar e os estudos de gênero.

2.1 O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO IFAP E OS ESTUDOS DE GÊNERO

Nesta seção alguns dos estudiosos que sustentam a base teórica repetem-se, em sua maioria, em relação ao tópico acima, pelo motivo de existir uma aproximação quanto aos eixos temáticos, no entanto priorizando trazer uma discussão de gênero dentro da Educação Física Escolar, bem como, a caracterização do *locus* da pesquisa, sendo observado pela ótica dos estudos de gênero.

A Educação Física escolar no IFAP torna-se um espaço singular, comparado aos outros componentes, pois, diferentemente das outras disciplinas, não possui aquelas estruturas típicas de sala de aula, como os espaços entre as cadeiras ou, o ordenamento do espaço físico para cada aluno ocupar. Neste sentido, meninas e meninos, tendem a ter um maior contato físico, disputando espaços, materiais de aula ou, até mesmo, a atenção do professor.

O cenário acima mencionado acaba se tornando um catalizador que exercita situações sociais reais, principalmente na perspectiva das relações de gênero. Relações estas, que evidenciam, reproduzem e, muitas vezes, cristalizam as individualidades/coletividades das meninas, meninos, homens e mulheres, quer sejam eles alunos ou professores, como da própria escola. (ALTMANN, 2015).

Entendemos que a dissertação não é sobre o Instituto Federal do Amapá, contudo torna-se necessário caracterizar o *locus* em que a pesquisa pretende fixar bases, bem como compreender o componente curricular de Educação Física dentro da instituição.

A história do Instituto Federal do Amapá (IFAP) surge com a criação da Escola Técnica Federal do Amapá (Etfap), instituída pela Lei nº 11.534. Em 13 de novembro de 2007, a Portaria do Ministério da Educação (MEC) nº 1066 atribui ao Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará (Cefet/PA) o encargo de implantar a Etfap e, somente em 29 de dezembro de 2008, a Lei nº 11.892, que institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, transforma a Etfap em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (Ifap) – autarquia vinculada ao Ministério da Educação, detentora de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar, equiparada às universidades federais.

Segundo o site oficial da Instituição, além da Reitoria, o Instituto Federal do Amapá é constituído pelos *campi* Laranjal do Jari, Macapá, Porto Grande e Santana, além do *campus* Avançado Oiapoque e do Centro de Referência em Educação a Distância Pedra Branca do Amapari, estrategicamente localizados para contribuir com o desenvolvimento do estado. Macapá, a capital, possui cerca de 366.484 habitantes, 75% da demografia do estado. Já o município de Laranjal do Jari, que tem a terceira maior concentração populacional, com 40.357 habitantes, também integra a região do Vale do Jari, que agrega os municípios de Vitória do Jari (11.519 habitantes) e Almerim, no Pará (31.192 habitantes).

Conforme dados retirados do site oficial, na aba “quem somos”, atualmente, em pleno funcionamento, o IFAP atende em média 4.700 estudantes, distribuídos nos seguintes níveis e modalidades de ensino: Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC); Nível Médio: 50% das vagas destinadas a cursos técnicos articulados ao Ensino Médio (Integrado, Subsequente e Concomitante); Nível Superior: 30% das vagas destinadas a cursos de bacharelados e tecnológicos; 20% das vagas destinadas a licenciaturas; e Pós-Graduação: *Lato Sensu e Stricto Sensu*.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP) oferta de educação profissional e tecnológica em diferentes modalidades de ensino. Assim, na modalidade integrada ao Ensino Médio, que é onde o componente de Educação Física está obrigatoriamente inserido em todos os cursos, oportuniza estudantes a se formarem no Ensino Médio, concomitante ao curso técnico profissionalizante escolhido, contendo as disciplinas obrigatórias do Ensino Médio juntamente com disciplinas da área técnica escolhida, estruturados de forma que a matriz curricular tenha a duração de 03 anos letivos.

O Componente curricular de Educação Física está presente em vários níveis de ensino no IFAP, principalmente no ensino médio técnico, sendo ofertado em todos os cursos dos chamados eixos temáticos. Cada curso aprovado pela Instituição, possui um Plano Pedagógico

de Curso (PPC's), que regulamentam e abrigam as ementas do referido curso ofertado. Por tratar-se de ensino médio, a Lei de Diretrizes e Bases, no artigo 26, parágrafo 3º coloca a Educação Física como disciplina obrigatória integrada à proposta pedagógica da escola e valoriza-a como área do conhecimento, tornando-a importante para formação do aluno.

A Educação Física no IFAP é ofertada em matrizes que trabalham desde o esporte até assuntos transversais como: Bullying, Orientação Sexual, Estresse, Drogas lícitas e ilícitas, entre outros temas que os professores, durante a construção dos PPC's, julgaram importante estar presente no currículo da escola.

Durante uma breve visitação nas ementas de Educação Física, o esporte acaba sendo mesmo a porta de entrada para vários debates. O que se torna interessante observar é a ocultação de termos que conduzam para um debate das relações entre homem e mulher, a exemplo dentro do próprio esporte, ou seja, abrem precedentes válidos (legais) para o silenciamento do tema dentro das aulas de Educação Física.

Importante observar que documentos mais antigos à BNCC, ainda contém informações, ligados ao debate de gênero e sexualidade no ambiente escolar, ou até mesmo, interligam outros marcadores sociais ao debate, a exemplo as questões de gênero às questões étnico-raciais, o que ajuda no enfrentamento à desigualdade das relações de gênero presente em nossa sociedade (BRASIL,2018).

Segundo o caderno do governo Federal intitulado “Planejando a Próxima Década: conhecendo as 20 metas do Plano Nacional de Educação”, este, apesar de referenciar-se a desigualdade social entre a população negra, apontando uma relação sobre desigualdade de gênero dentro deste grupo, afirma que:

[...] a população negra apresenta as mais elevadas taxas de desocupação e de rendimento, ainda que disponha do mesmo nível de escolaridade. Segundo estudo do IPEA (2012), a taxa de desocupação do homem negro é de 6,7%, e a da mulher negra 12,6%, enquanto a de homem e mulher não negros é de 5,4% e 9,3%, respectivamente (BRASIL, 2014, p.34).

Ou seja, apesar da literatura, das leis, e dos documentos norteadores das práticas apontarem para uma educação menos desigual, existe uma lacuna que consideram temáticas mais atuais necessárias e presentes na escola, dentre elas o assunto “gênero”. Para Sepulveda (2019) tal movimento de ocultação dos termos, aconteceu na educação desde que movimentos conservadores organizados e articulados, proliferaram e enfrentaram o que denominaram “ideologia de gênero”. Este movimento, entendido pela autora como uma narrativa, conseguiu

naturalizar a desigualdade social, e ao mesmo tempo, retirar o termo gênero das atuais legislações educacionais brasileiras, o que automaticamente interfere nas práticas escolares.

O problema, então, do discurso conservador é seu poder de persuasão. Como bem analisa Mannhein (1959), o conservadorismo nasce do tradicionalismo; portanto, tem um forte significado social e identitário, tornando mais fácil, para uma parcela da população, se identificar com seu discurso. Isso potencializa a já mencionada carga emotiva do termo. E tal potencialização impulsiona a organização de grupos proativos em defesa da “moral e dos bons costumes”, muito em voga atualmente no país e no mundo. (SEPULVEDA; SEPULVEDA, 2019, p.873).

Neste sentido a atuação da/do docente de Educação Física do IFAP, por tratar de formação profissional, formação do cidadão, ser responsável por falar do esporte que ainda é muito binário, deveriam aproveitar que existem as lacunas e, colocar o debate das relações de gênero. A Base Nacional Comum Curricular, nos mostra que uma das primeiras competências da educação básica no Brasil é justamente “valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018, p. 9)”. Em poucas palavras, talvez esteja posto o grande desafio da escola: promover uma reflexão sobre o que ensinar, como e para que educar, inclusive (re)significar tal aprendizagem, também para fora ambiente escolar.

Sobre os documentos oficiais, é notório o crescimento da ocultação intencional dos estudos de gênero e sexualidade, impossibilitando perceber distintas formas de conhecimento, e diversos arranjos de identidades e de estilos na escola, cristalizando assim, configurações de gênero, e perpetuando relações que são todos os dias, ao longo da história, reforçadas como únicas, fixas e imutáveis.

Para Barros (2019), ao tratar de formação inicial para professores de Educação Física na Universidade Federal do Amapá e a temática gênero, afirma que é necessário estranhar, ou seja, desconfiar de tudo que é posto como verdade imutável, para cumprir o papel disciplinador da escola. O estranhamento justamente deve ocorrer no sentido de questionar o que se apresenta como padrão imutável ou regras e orientações que devem ser seguidas sem explicação.

Algumas literaturas que versam sobre o tema gênero e Educação Física escolar, como Altmann (2015), muito utilizada nesta pesquisa, nos mostra que existe uma lacuna entre o planejar e fazer, e na tentativa de solucionar a desigualdade de gênero, a exemplo, acabam invisibilizando e mascarando a dinâmica destas relações na escola, reforçando assim uma visão

binária de mundo no ambiente educacional da Educação Física, principalmente, quando refere-se à gênero/sexo.

Importante perceber que a Educação Física no IFAP, apesar de todo o planejamento, estrutura dos *Campi*, discussão, reflexão sobre este cuidado para que a escola não gere desigualdade, e respeite as diferenças existentes nela, ainda é possível identificar práticas na conjuntura, no particular, no estrutural e interacional que reforçam essas relações de gênero desiguais.

Os termos gênero e Educação Física escolar ao tornassem evidentes provocam um extenso debate, capaz de transformar tudo que é tido como natural e cultural, em um cenário do que posso, ou não ser/fazer. Para Louro (2014) a escola sempre foi uma produtora de diferenças, distinções e desigualdades, que de forma distintiva, na sociedade ocidental, procurou sempre separar adultos, crianças, católicos e protestantes, ricos e pobres, como também, meninos e meninas.

Concebida inicialmente para acolher alguns - mas não todos - Ela foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles/as aos/às quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações a instituição. Ela precisou se diversificar: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, “garantir” - e também produzir - a diferença entre os sujeitos. (LOURO, 2014, p. 61).

Em continuidade, vale ressaltar que mesmo com planejamento, discussão e reflexão sobre os dois temas, precisa-se ter muito cuidado ao tentar problematizá-los, para que não se reforcem ou estimulem as diferenças naturalizadas histórica e culturalmente entre homens e mulheres.

Vários elementos precisam ser levados em consideração, tais como, o recorte tempo-espaço da pesquisa, o meio em que o objeto e os sujeitos estão inseridos. Contudo, torna-se ainda necessário o máximo de imparcialidade, que é quase impossível, pois a própria decisão na seleção do material para lecionar as aulas perpassa por um posicionamento, que também se torna político.

Assim partimos da premissa que a escola é uma instituição que contém um corpo docente submetido a uma elevada gama de informações diariamente, dentro e fora da escola, os quais têm a necessidade de reformular suas identidades docentes constantemente. Neste processo surgem diferentes transformações das práticas educativas, que ao mesmo tempo são sociais, refletidas na escola diretamente no ser/fazer docente, que também é individual, e coletivo.

Pensar a escolar como um espaço produtor de diferenças, é ao mesmo tempo concordar que nela também existem muitas identidades. Para tanto, discutir identidade é uma das maiores preocupações da pós-modernidade⁸. Castells (1999, p. 23) conceitua o termo: “fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas e construídas por meio do processo de individualização”, como se as identidades sofressem um processo de autoconstrução. Giddens (2002) reforça que a exposição a novas informações pode levar à reformulação das identidades e das práticas sociais.

Na Educação Física, essas construções e reproduções acontecem de forma automática, estando todas as pessoas no ambiente educacional envolvidas neste processo. Para Altmann (2015), na Educação Física escolar existe uma lacuna entre o planejar e o fazer, e na tentativa de solucionar problemas aparentes nas relações de gênero, muitas vezes, acabamos invisibilizando e mascarando a dinâmica destas relações nas escolas.

Na ânsia de auxiliar na desconstrução de tais papéis ou estereótipos de gênero, reforçamos uma visão binária da Educação Física, principalmente, quando se refere à gênero/sexo. Portanto, analisar o contexto, é ao mesmo tempo analisar o meio em que o discurso está inserido, e verificar qual o objetivo e função social este quer cumprir.

Contudo, as relações de gênero na escola constituem-se como “realidades” que produzem diferentes significados que temos atribuído ao que é feminino, masculino e Educação Física em nossas práticas. E ainda, pode ressignificar os modos como educamos meninas e meninos; como organizamos a Educação Física; como nos organizamos em nossas relações como mulheres e homens; e por fim, como (re)produzimos ações femininas e masculinas na Educação Física.

Ao assumirmos estas proposições, conseguimos considerar a fertilidade para analisar as relações de gênero, bem como, fazer questionamentos sobre nossos posicionamentos e procedimentos que se forjam nas nossas práticas sociais, pessoais e profissionais, e que esta são produtoras de identidade de gênero.

No meio científico foram encontradas algumas referências que falavam da temática, principalmente revisões sistemáticas como Matos (2016), que traz dados relevantes de

⁸ “Entre as características que distinguiriam a Pós-Modernidade da Modernidade apontam-se, entre outras: incredulidade relativamente às metanarrativas; deslegitimação de fontes tradicionais e autorizadas de conhecimento, como a ciência, por exemplo; descrédito relativamente a significados universalizantes e transcendentais; crise da representação e predomínio dos “simulacros”; fragmentação e descentramento das identidades culturais e sociais” (SILVA, 2000, p. 93).

produções sobre o lugar que é fornecido às meninas na Educação Física Escolar, bem como, as consequências da participação ou não na disciplina, concluindo que na grande parte dessas construções, classificadas por ele como sociais, levam o sexo feminino a executar um papel coadjuvante na Educação Física. Ainda, observou que existe um forte enraizamento histórico, de que as meninas são consideradas menos habilidosas que os meninos, e que a sociedade, bem como a escola, reforçam a perpetuação da inferioridade da feminina.

Para Silva e Aguiar (2019) que fez uma revisão sistemática baseados nos estudos de Gutierrez Sabatel, chegou ao resultado que é notório que existe dificuldades na Educação Física, em torno do tema gênero. Principalmente, no que se refere à expectativa do ser mulher e homem que invade os muros da escola, penetrando nas aulas da disciplina de Educação Física, o que acaba criando obstáculos na formação e no processo ensino/aprendizagem que busque a equidade na relação entre meninas e meninos.

Para Junior *et al.* (2018), em sua pesquisa de revisão sistemática, apontou que cada vez mais estudiosos da Educação Física têm se debruçado em pesquisar sobre o tema gênero, e que a temática vem ganhando notoriedade no cenário atual. Um exemplo, é o Grupo de Trabalho Temático do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) - Gênero, que vem contribuindo com a promoção de diálogos e reflexões no meio científico e comunidade acadêmica, permitindo a quebra do silêncio culturalmente naturalizado. Ainda, traz dados sobre a credibilidade dada pelos estudiosos às “aulas mistas”, intermediando a aprendizagem, respeito, justiça e relações mais igualitárias na perspectiva de gênero.

Segundo Altmann (2015, p.22) “os estudos de gênero desafiam a noção de que a biologia é a única determinante na construção dos femininos e masculinos, ou seja, questionam a ideia de que exista uma ‘essência masculina’ e uma ‘essência feminina’”. Perpetuar esses vários estigmas, estereótipos e preconceitos na perspectiva de gênero, é ao mesmo tempo, internalizar alguns comportamentos ditos “normais”, tornando-se um problema quando as pessoas que não seguem este padrão de normalidade são excluídas(os).

Parafraseando Soares e Souza (2011), as práticas discriminatórias ocorrem no contexto escolar em vários casos de maneira não intencional e sutil, através da frequente negligência dos professores(as) no decorrer de suas aulas. Sem observar que a própria convivência social se apresenta como um processo que produz cultura, devendo ser analisada de uma forma instável, em constante processo de negociação conflituosa, e que os sujeitos envolvidos ocupam em sociedade posições assimétricas.

As relações culturais não são idílicas, não são românticas, elas estão construídas na história e, portanto, estão atravessadas por questões de poder, por relações fortemente hierarquizadas, marcadas pelo preconceito e discriminação de determinados grupos. (CANDAUI, 2008, p. 23).

Na Educação Física escolar a todo momento existem essas relações assimétricas (ALTMANN, 2015). Tal entendimento, privilegia a centralidade na linguagem como *locus* de produção de relações que a cultura estabelece entre corpo, sujeito e poder. Louro, Felipe e Goellner (2013) afirma que esta perspectiva pós-estruturalista nos permitirá o afastamento do entendimento que tratam o corpo dos sujeitos somente uma entidade biológica, o que justificou por muito tempo a origem das diferenças entre homens e mulheres, ou que serviu de pano de fundo para a cultura produzir as desigualdades.

O conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos de construção destas distinções – biológicas, comportamentais ou psíquicas – percebidas entre homens e mulheres; por isso, ele nos afasta de abordagens que tendem a focalizar apenas papéis e funções de mulheres e homens para aproximar-nos de abordagens muito mais amplas, que nós levem a considerar que as próprias instituições, os tica de uma sociedade são constituídos e atravessados por representações e pressupostos de femininos e de masculinos e, ao mesmo tempo, produzem e/ou ressignificam essa representações. (MEYER, 2013, p. 18).

Desta forma, ao teorizar gênero, conseguimos entender que a Educação Física escolar é um desdobramento da nossa sociedade dentro da escola, representada pelas disputas de espaço ou na autoafirmação de sempre ser o melhor e mais forte. É neste componente curricular, na Educação Física, que vivemos e nos relacionarmos com o outro, de formas conflitantes até definirmos nossas feminilidades e masculinidades. Essas relações, conscientemente impostas pelas mais diversas instituições, agem pautando nossas práticas sociais e nos definindo como mulheres e homens.

Nesse entendimento, é compreensível o uso do conceito tanto como ferramenta teórica como política, permitindo entender que gênero é uma premissa para a organização social do nosso cotidiano. Butler (2019), diz que por muito tempo existiu uma divisão/distinção entre sexo e gênero, que deu respaldo para que a biologia explicasse nossas relações. Ao contrário, ela se posiciona e afirma que “o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nenhum resultado causal do sexo nem tão pouco tão aparentemente fixo quanto sexo” (p. 26).

Para a Educação Física escolar é importante perceber que “já está claro que colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade

interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas” (BUTLER, 2019, p. 28). Logo, gênero tende a qualificar até mesmo nosso próprio corpo como humano, ou não.

Na Educação Física escolar, alguns professores se posicionam em silenciar e ocultar o debate, mostrando de medo e a insegurança para com o tema. O que, de forma “sagrada”, torna-se um assunto intocável no ambiente escolar. De certo modo, é como se o futuro da humanidade fosse destruído, à medida que as expectativas criadas pela cultura e seus padrões sociais, sobre o corpo humano, fossem desnaturalizadas. Sobre isso, Butler (2019), explica que:

O bebê se humaniza no momento em que a pergunta “menino ou menina” é respondida. As imagens corporais que não se encaixam em nenhum destes gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece (BUTLER, 2019, p. 193).

As relações entre os indivíduos na escola, acabam construindo uma identidade/corpo como realidade sexuada, permeada de princípios da divisão sexual. A realidade biológica constrói a diferença entre os sexos biológicos, ou seja, tais princípios agem de forma arbitrária de dominação nas relações entre os indivíduos (homens e mulheres) e como resultado a interferência, a exemplo, na divisão do trabalho e na realidade da ordem social. Logo, os sujeitos precisam de alguma forma expressar o gênero, e produzir uma identidade de gênero lógica, ou inteligível, caso contrário, está sujeito a sofrer penalidades. No entanto, não se deve explicar as relações de gênero a partir da biologia, mas do campo social, dos arranjos, da política.

Pretende-se, dessa forma, recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 2014, p.26).

Para tanto, Butler (2019) prevê uma categorização sobre os gêneros: primeiramente seriam “os inteligíveis”, que são aqueles em que os sujeitos são coerentes com os padrões impostos e, de certo modo, “mantem relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (p. 43). Em seguida temos aqueles que representam totalmente o contrário, ou seja, sujeitos que são continuamente proibidos por leis, justificando a repressão através de “linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual” (BUTLER, 2019, p. 44).

Para Louro (2014), o termo gênero opera como constituinte da identidade dos sujeitos, responsável por distinguir e produzir estes marcadores sociais, colocando homens e mulheres em seus devidos lugares, na sociedade, produzindo a relação entre os termos gênero, identidade, diferença e relação de poder. A escola, observada na perspectiva de gênero, precisa focar na discussão sobre a relação destes conceitos, de outro modo, a instituição torna-se (re)produtora de diferenças, distinções, desigualdades, retroalimentando a disseminação de matrizes rivais e/ou subversivas.

Tensionar o tema gênero na Educação Física Escolar de um Instituto Federal é, também, abrir um leque de discussões que se desdobram em influências e consequências do mercado, da política e das relações sociais, desconstruindo uma cultura pensada somente sobre os conceitos biologizantes, cristalizados pelos processos históricos que naturalizaram nossa existência e identidades no meio social. Sobretudo, o debate proposto tem o objetivo de também contribuir com o amadurecimento teórico e crítico das/dos estudantes, levando reflexões para as mais diversas realidades e esferas sociais.

Sendo a intenção desta pesquisa analisar as várias representações docentes, é proposto que estes, sobretudo da Educação Física, coloquem “os óculos do gênero”, e percebam que o tema está presente em suas práticas e, existem independentemente do posicionamento que se adota. E ainda é neste momento que a/o professor(a), precisa decidir se problematiza ou torna mais silenciado o tema, de modo a ser concebido como natural.

Tal “naturalidade” tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes em moças, eles e elas se movimentem, circulem e se agrupem de formas distintas. Observamos, então, que eles parecem “precisar” de mais espaço do que elas, parecem preferir “naturalmente” as atividades ao ar livre. Registramos a tendência nos meninos de “invadir” os espaços das meninas, de interromper suas brincadeiras. E, usualmente, consideramos tudo isso de algum modo inscrito na ordem das coisas. (LOURO, 2014, p. 64).

As diversas práticas pedagógicas das/dos docentes misturam-se com a forma como estes sujeitos representam o mundo. Desta forma, surgem inúmeros teóricos que dedicam e dedicaram suas vidas para pesquisar sobre o tema gênero, e que nos fazem questionar sobre essa relação entre sexo/gênero nas aulas de Educação Física escolar.

Provando que existe uma oposição àquilo que se é, provocando o surgimento daquilo que não se é: surge então a diferença. Perceba que debate gira em torno da identidade docente e as diferentes formas que representam o seu entorno, dois termos que se comple(men)tam,

como diz Silva (2014, p. 82): “[...] a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir”.

As relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam (SILVA, 2014, p. 83).

A reflexão mostra a compreensão de que as próprias práticas pedagógicas podem abrir possibilidades de novas e diferentes identidades do ser docente. Considerando, assim, que o fazer docente também se torna uma prática social. Logo, temas como questões/relações de gênero podem ser “visíveis” no nosso cotidiano escolar e que os discursos naturalizados na nossa existência podem também “genitalizar” nossos desejos. (BRAGA, 2019).

Perceba que, a “guerra dos sexos” de que tratamos anteriormente é refletida nas relações de gênero que também podem estar presentes no ser/fazer docente, individualmente. E a exaltação destas diferenças acabam por gerar desigualdades que, ao longo da história, tornaram-se naturais, e conscientemente silenciadas, permeadas pelas relações de dominação e poder.

Para tanto, a escola como instituição reguladora da sociedade é, conseqüentemente, uma reprodutora de normas sociais. Ela é, também, um espaço onde estes corpos são escolarizados, e transformados em meninos e meninas. Na Educação Física escolar, é comum ficar mais evidente este contraste. Segundo Louro (2014), em outrora, existiram manuais que ensinavam aos mestres determinadas práticas que fossem capazes de distinguir meninas de meninos.

As escolas femininas dedicavam intensa e repetitivas horas ao treino das habilidades manuais de suas alunas produzindo jovens “prendadas” capazes dos mais delicados e complexos trabalhos de agulha ou de pintura. As marcas da escolarização se escreviam, assim, nos corpos dos sujeitos. Por vez isso se fazia de formas tão densas e particulares que permitia - a partir de mínimos traços, de pequenos indícios, de um jeito de andar ou falar - dizer, quase com segurança, que determinada jovem foi normalista, que um rapaz cursou o colégio militar ou que um outro estudou no seminário (LOURO, 2014, p. 66).

Sem dúvidas, tratar do tema gênero no ambiente da escola, traz à tona práticas pedagógicas que podem considerar, ou não, a diferença de gênero um marcador social. Concorde, Altmann (2015), ao afirmar que existem várias práticas pedagógicas de professoras e professores, e que há uma pedagogia de gênero competitiva e polarizada nas aulas de

Educação Física, que relaciona a diferença de habilidades, de interesse e de participação por parte das/dos discentes. Tal prática compromete não somente a aprendizagem dos conteúdos, mas também sobre como se relacionar de forma empática com o outro.

Assim sendo, a Educação Física Escolar, torna-se, de forma escancarada, um cenário escolar onde estas relações de gênero aparecem com maior frequência, talvez por estes corpos estarem mais próximos e em constante disputa por espaço, por materiais ou pela atenção do(a) professor(a), tornando-se mais visíveis essas relações de gêneros na Educação Física Escolar, do que nas outras disciplinas.

Neste sentido, a educação pode atuar em uma pedagogia atenta às dimensões de gênero, procurando de diversas maneiras atenuar essas diferenças nas relações de gênero, provocando as/os discentes a utilizar seus corpos de forma menos restritivas aos padrões corporais impostos socialmente em outrora.

Bracht (2019) apesar de tratar do discurso legitimador da Educação Física, aponta que haviam autores importantes nesta discussão na década de 1930, no Brasil, e que atribuíam ao corpo um entendimento baseado na biologia. Contudo, ao tratá-lo como um elemento da natureza, ou seja, a natureza em nós, seria possível intervir de forma racional e metódica. Nessa perspectiva, naquela época, o discurso de corpo cumpria, ao mesmo tempo uma função social, quando este fazia referência a um projeto moderno, que se utilizava da influência das instituições médicas e militares, para tornar o povo mais saudável, fortalecido para o trabalho e inculcido de espírito nacionalista.

Não é tão espantoso se parecer atual, pois apesar de várias críticas a este modo de ver o corpo na sociedade, surgidas a partir da década de 1980, existe uma explicação lógica sobre a perpetuação da redução do significado de corpo à dimensão biológica. Segundo Bracht (2019, p.135) pensar desta maneira:

[...] conduzia a um adestramento dos corpos; levava a uma educação para docilização e disciplinamento dos corpos. Isso porque não havia aí uma participação dos alunos como sujeitos das ações. Isso era acentuado pelo predomínio do estilo diretivo de ensino, ou seja, centrado no professor, que era o portador único do conhecimento; aspecto coerente com ideias dominantes de disciplina e ordem.

Para Goellner (2013) é preciso perceber este corpo presente na escola como uma produção cultural, e construído também pela linguagem. A autora ancora-se na vertente dos estudos culturais baseados na perspectiva do pós-estruturalismo de autores como Michael

Foucault e Jaques Derrida, para dizer que “um corpo não é apenas um corpo” (p. 31), desnaturalizando um entendimento de que o corpo só pode ser observado pelas discussões biofisiológicas.

Entender o corpo também desta forma, permite perceber que ele é parte do seu entorno, uma construção história, fruto de relações com o tempo, espaço, economia, grupos sociais, étnicos, etc. Neste sentido, abre a possibilidade de desnaturalizar saberes considerados intocáveis pelo tradicional tido como verdadeiros, ou muitas vezes absolutos. Ter, ainda, esse outro olhar sobre o corpo da/do discente nas aulas de Educação Física, na escola, não é negar a materialidade biológica, mas sim impedir que esta materialidade seja central, ou definidora de atribuições para assumir funções em diferentes espaços sociais.

Tudo isso se apresenta como necessário, não para esgotar a discussão sobre o conceito de corpo, mas para entender que ao longo da história o seu significado sempre esteve atrelado à Educação Física, e de uma perspectiva mais atemporal, cumpre um objetivo e uma função social na sociedade e na educação, interconectando o que acontece dentro e fora dos muros da escola. Para tanto, exige-se uma necessidade, e ao mesmo tempo um desafio, de pensá-lo como uma produção na e pela cultura, para podermos traçar uma crítica mais consistente em relação aos temas gênero e Educação Física escolar. Goellner (2013, p.30) parafraseia que é:

Um desafio porque rompe, de certa forma, com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes o corpo é observado, explicado, classificado e tratado. Uma necessidade, porque ao desnaturalizá-lo revela, sobre tudo que o corpo é histórico. [...]Não é portanto algo dado a *priori* nem mesmo universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz.

Como apresenta Luz Júnior (2003), o tema gênero vem sendo debatido na Educação Física brasileira desde a década de 1980, contudo é na década de 1990 que apresenta um maior crescimento com o surgimento das turmas heterogêneas, as chamadas turmas mistas, muito embora, ainda existam turmas homogêneas, aquelas que são separadas pelo sexo biológico, tal organização apoiada por um discurso de “tradição e cultura”.

Importante é dizer que, com a eclosão dos movimentos feministas, segundo Luz Júnior (2003), naquela época, a Educação Física aproximava-se das temáticas de gênero, inclusive apontava uma maior produção de artigos e livros, uma alta incidência de publicações nos anais

do Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte (CBCE)⁹ e o surgimento de cursos e pós-graduação que discutiam o tema.

Com os mais variados debates das/dos docentes de Educação Física em relação à temática de gênero, mostram a necessidade de reconhecer e discutir mais sobre o assunto para superar a hierarquia dos papéis sociais de gênero fazendo com que os sujeitos se percebam como históricos, ligados a tais conceitos e significados que as relações de gênero produzem no cotidiano.

Barros (2019) reforça essa questão quando nos mostra dados importantes sobre as/os universitários do curso de Educação Física da Universidade Federal do Amapá, que não recebem formação adequada para colaborar/garantir a abordagem do tema gênero escola, e ainda se sentem inaptos para tratar sobre o assunto, além de não conseguir elaborar simples práticas que atuem na desconstrução de preconceitos/violência produzidas pelas questões de gênero. Por outro lado, reconhecem a extrema importância do tema dentro do ambiente educacional, e a relevância nas aulas de Educação Física.

A própria universidade acaba se tornando ineficiente quando se trata de formação de professores com vista a falar sobre estudos de gênero, quer seja de uma forma direta, quer seja transversalmente. Práticas como estas podem ser capazes, de proporcionar experiências aos pósteros docentes como permitir a (re)visitação, a (re)análise e até mesmo, (re)considerar pensamentos/ações até então imutáveis.

Em outras palavras, deixam de possibilitar aos docentes uma nova forma de observar o mundo, tais que percebam as diferenças binárias entre homem e mulher, não as reforçando, mas sim discutindo sobre o real papel delas, deixando de colocar em evidência que estas relações são históricas e que refletem diretamente nas práticas e relações sociais do dia a dia. E mais: que estes sujeitos consigam perceber a existência do tema, e suas infinitas (im)possibilidades da inserção deste debate no ambiente educacional, perpassando esferas físicas, mentais e reflexivas, estruturais ou mesmo curriculares.

⁹ Entidade científica que foi criada em 1978, e que congrega pesquisadores ligados à área de Educação Física/Ciências do Esporte organizado em Grupos de Trabalhos Temáticos (GTT's) que pesquisam sobre Gênero, e também atividade física e saúde, comunicação e mídia, corpo e cultura, epistemologia, escol, formação profissional e mundo do trabalho, inclusão e diferença, lazer e sociedade, memórias da Educação Física e esporte, movimentos sociais, políticas públicas e treinamento esportivo. O GTT- Gênero apresentou um aumento significativo no volume de trabalhos que foram submetidos e apresentados no Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte (CONBRACE), que reúne pesquisadores do Brasil e do exterior. O evento, de periodicidade bienal, em sua última edição ocorrida no ano de 2019, foram registrados 55 trabalhos na temática gênero. Ainda em 2020, lançou um livro intitulado "Gênero e sexualidade no esporte e na Educação Física".

2.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOCENTES: CONCEITUANDO O OBJETO DA PESQUISA

De acordo com o enquadre para ADC de Chouliaraki e Fairclough (1999), proposto com intuito de estruturar as análises, sentimos a necessidade de conceituar o objeto da pesquisa, adotando a compressão de Louro (2014), em que as representações se traduzem em apresentações que constroem uma realidade deste docente, referindo, mostrando e nomeando um grupo ou um sujeito. Além disso, para autora, as representações mostram mais do que se espera sobre os sujeitos e, “não cabe provar se são, ou não, materializadas estas representações, mas sim como produzem sentido, quais os efeitos sobre os sujeitos, como elas constroem o real” (LOURO, 2014, p. 102-103).

Assim sendo, submeter um objeto de pesquisa, como este, à luz da Análise do Discurso Crítica (ADC), é buscar uma compreensão da representação que delinea os traços e modos, e que caracteriza as práticas destes docentes. Para além, é importante reconhecer o proposto por Irineu *et al.* (2020) de que:

Que todos os esforços investigativos, em especial aqueles que atravessam pesquisas contemporâneas, objetivam lançar mão de metodologias que conduzem o fazer científico, as análises feitas em ADC acabam por dar ênfase a interpretações especializadas dos dados resultantes do objeto estudado. Trata-se de um movimento em que pesquisadores, ao mesmo tempo, executam suas estratégias de investigação, sistematizam suas escolhas teóricas e submetem seu ofício ao escrutínio da crítica e da reflexão progressista (IRINEU, et al., 2020, p. 20).

Corroborando com a conceituação de Louro (2014), as representações que os sujeitos possuem sobre o tema gênero, ultrapassam também pela autopercepção e expressão social de feminilidade ou masculinidade que os sujeitos da pesquisa possuem, permitindo problematizar elementos como a vida profissional, formação, exercício da docência e relação como o meio acadêmico/escolar, relacionando com as formas de se identificar e ser identificado/a como homem ou como mulher.

Serão através destas representações obtidas por meio dos instrumentos de coletas de dados, que permitirão identificar o problema verificado, bem como, o que se constitui como obstáculo para a mudança estrutural, em seguida, verificar se este problema cumpre uma função particular, principalmente nas práticas discursivas e social; explorando as possibilidades de mudanças e superação do problema. Para então, conceber as reflexões sobre a crítica traçada, sendo esta última etapa das análises das representações dos docentes (RESENDE; RAMALHO, 2019).

Um diálogo necessário, por tornar o ambiente educacional¹⁰ do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP), um campo fértil para compreender algumas relações sociais na perspectiva de gênero, como também, a possibilidade de relacionar e problematizar a Educação Física escolar e Gênero, na visão docente.

Por fim, a pesquisa assume o posicionamento que cada sujeito desta pesquisa carrega consigo suas vivências de mundo, de individualidade, da formação inicial e continuada, que são responsáveis pela construção de um determinado ser e fazer docente, conseqüentemente, surge deste diálogo uma diversidade de representações.

¹⁰ Utilizarei este termo para me referir sempre ao espaço onde as/os docentes utilizam como ambiente de ensino formal, quer seja interno ou externo ao prédio da escola.

3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS APLICADAS AOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO IFAP

A primeira etapa das análises desta pesquisa apresenta um diagnóstico simples referente ao perfil dos/das docentes de Educação Física do Instituto IFAP que integram a pesquisa. Os dados expostos foram obtidos com aplicação do questionário de pesquisa (Apêndice F).

A necessidade de aplicar este instrumento pauta-se no pressuposto da busca por compreender o cenário de ensino da Educação Física no IFAP, posto inicialmente pela caracterização dos indivíduos que o integram, pois consideramos que aspectos relacionados as características de formação, tempo de atuação entre outras características dos sujeitos podem ter influência direta e indireta na postura diante ao debate, discurso e ensino dos estudos de gênero na disciplina de Educação Física.

A segunda parte analítica desta pesquisa emerge utilizando o método da Análise do Discurso Crítica (ADC) com mais profundidade, a qual pretende analisar as representações de gênero das e dos docentes de Educação Física, no Instituto Federal do Amapá, obtidas através das entrevistas com os sujeitos, considerando a linguagem como prática social. À medida que a seção se desenvolve, surge a problematização do próprio fazer científico do ser docente e o lugar dos sujeitos nele imbrincados, mostrando-se um terreno fértil para a finalização da seção de análise, que é composta de várias reflexões que envolvem os temas gênero e a Educação Física escolar no Instituto Federal do Amapá.

3.1 PERFIL DAS/DOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO IFAP ENTREVISTADOS

A aplicação do questionário foi de suma importância para que fosse possível conhecer e reconhecer os entrevistados, como foi exposto no tópico anterior. Conhecer como que eles se representam em sociedade e inseridos no contexto e meio onde (con)vivem, quer seja na escola, quer fora dela. As informações coletadas foram colocadas em três categorias de acordo com o quadro abaixo:

Quadro 3 – Temas Utilizados nos Questionários.

a) Carreira docente no IFAP com os dados pessoais e profissionais;
b) Conhecimentos gerais sobre a formação acadêmica e experiência com estudos de gênero;
c) Autopercepção sobre questões de gênero.

Fonte: Autor (2021).

Os dados coletados que serão analisados nesta seção, foram concebidos do questionário e entrevista de 07 docentes do Instituto Federal do Amapá, todos com formação na área de Educação Física (Quadro 4). Para efeitos analíticos e de confidencialidade serão chamados de sujeitos N1 até N7; a ordem de enumeração originou-se conforme os dados foram sendo coletados. Para tanto, cumprindo o critério de inclusão e exclusão da pesquisa, foram incluídos todos os questionários, exceto do professor N8, por não ter participado da segunda etapa da coleta de dados, a entrevista, mesmo após insistentes contatos já em 2022, por ser substituído teve o contrato encerrado no final de 2021.

Quadro 4 – Escala e Identificação dos Sujeitos da Pesquisa. IFAP – 2021.

Professores	Idade	Anos de formado	Anos de docência no IFAP	Já atuou em mais de um <i>Campus</i> do IFAP?	Possui Pós-graduação? Nível?	Já teve contato com os Estudos de Gênero
N1	36	08	03	Sim	Especialização	Sim
N2	34	11	09	Sim	Mestrado	Sim
N3	30	07	01	Não	Mestrado	Sim
N4	34	04	01	Sim	Especialização	Sim
N5	40	19	10	Não	Mestrado	Não
N6	35	13	09	Não	Mestrado	Sim
N7	33	05	03	Sim	Especialização	Não

Fonte: Autor (2021).

Percebemos que a faixa etária dos sujeitos se encontra no intervalo entre 30 e 40 anos, todos entre 04 a 19 anos de formados em Licenciatura em Educação Física; e entre 01 a 10 anos de docência no IFAP. Os sujeitos apresentam idades bem equiparadas, todos com graduação depois dos anos 2000, ou seja, uma formação com menos de duas décadas em Educação Física, tempo este que já existiam referenciais teóricos bem conhecidos para serem inseridos em suas graduações; os estudos de gênero já se encontravam efervescente na área da Educação, bem como na Educação Física (BUTLER, 2019; LOURO, FELIPE e GOELLNER, 2013; ALTMANN, 2015; LUZ JÚNIOR, 2003).

Embora a maioria possua um contato com os estudos de gênero, existem dois professores, N5 e N7, que afirmaram não ter tido contato nenhum com o tema. Levando em consideração o parágrafo anterior, as práticas docentes destes sujeitos podem se tornar incompletas, pois segundo Louro (2014), a escola é permeada de relações de gêneros,

assimétricas, produtoras de um jogo de relações de deixam de ser gênero, e tornam-se de poder, que perpassam a formação e a atuação profissional destes docentes (LOURO, 2014).

Além disto, afirma Louro (2014), que a escola é produtora de práticas sociais imbuídas pelos gêneros, bem como, os constituem. Ela ainda é uma das principais instituições que geneirificam os sujeitos, através de teorias, documentos, normas, comportamentos e outros instrumentos, construídos em sua maioria pelo universo masculino.

Durante o questionário, foram realizadas duas perguntas a respeito da autopercepção sobre questões de gênero, a primeira era sobre a marcação do sexo biológico, continha nas respostas: feminino; masculino; intersexo e; prefiro não responder ou não sei a resposta. A segunda referia-se à expressão de gênero, com alternativas: mulher; homem; não binário e; prefiro não responder ou não sei a resposta. Os resultados colocados no quadro abaixo:

Quadro 5 – Autopercepção sobre questões de gênero. IFAP – 2021.

Professores	Sexo biológico	Expressão de gênero
N1	Masculino	Homem
N2	Feminino	Mulher
N3	Masculino	Homem
N4	Masculino	Homem
N5	Masculino	Homem
N6	Feminino	Mulher
N7	Feminino	Mulher

Fonte: Autor (2021).

O objetivo desta pergunta era compreender de que forma os sujeitos se representavam em sociedade, e ao analisar o quadro acima percebemos o que Butler (2019) queria dizer em sua obra “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” que sexo é gênero, assim sendo, compreendemos que todos os respondentes são constituídos de identidades formadas socialmente em que não é o sexo e o gênero, como nos referimos na pergunta, mas, o gênero como sexo.

O que Butler (2019) quer dizer é que somos ensinados a todo momento que sexo e gênero são diferentes, e que somos moldados a acreditar que existe uma relação em que, o sexo está para a natureza como o gênero, para a cultura. Mas, que na verdade o sexo seria o gênero desde o início.

Nenhum dos entrevistados teve dúvida ao responder às perguntas, mesmo aqueles que nunca tiveram contato com os estudos de gênero. Ora, então de onde eles concluíram tal resposta?

Pensemos que sempre existe uma estrutura se adaptando. A exemplo, a escola apesar de possuir mecanismo que consegue ultrapassar os debates sobre as diferenças de gênero é na mesma instituição que ocorre os discursos que fazem a manutenção das relações gênero pautadas na diferença entre mulheres e homens. E segundo Louro (2014) possui um gênero e foi construída por uma ótica masculina e segue um padrão heteronormativo (BUTLLER, 2019).

Ao contrário, dizem outras/os, a escola é masculina, pois ali se lida, fundamentalmente, com o conhecimento e esse conhecimento foi historicamente produzido pelos homens. [...] Portanto é possível argumentar que, ainda que as agentes do ensino possam ser mulheres, elas se ocupam de um universo marcadamente masculino (LOURO, 2014, p. 93).

Com relação ao Campus de atuação os docentes estão lotados nos *Campi* dos municípios de Macapá (03), Santana (02), Porto Grande (01) e Laranjal do Jari (01). Sendo que, os professores N1, N2, N4 e N7, afirmaram que já exerceram suas atividades laborais docentes em outros *Campi*, ou seja, hoje estão lotados em um Campus diferente daquele em começaram a trabalhar no IFAP. A pergunta foi realizada por acreditar que estes docentes possuem conhecimento ampliado da instituição, ao comparar com os professores N3, N5 e N6, que nunca lecionaram em um *Campus* diferentes. Espera-se ainda que durante a entrevista possam trazer elementos de práticas sociais e docentes mais completa da instituição em relação aos que nunca trabalharam em mais de um *Campus*.

A aplicação e análise do questionário foi primordial para um primeiro contato com os docentes de Educação Física do IFAP, de modo que, conseguiu caracterizar um perfil do corpo de professores em sua maioria do gênero masculino (04), bem como, percebeu-se que três destes docentes atuam na Educação Física do IFAP há uma década ou próximo a este tempo, outros quatro ainda não completaram nem cinco anos de instituição; dos sujeitos, quatro deles já trabalharam em diferentes *Campi* da instituição, o que possibilita vivenciar realidades diversificadas. Além do que, todos possuem pós-graduação em nível de especialização e/ou mestrado, acreditamos que eles consigam, nas entrevistas, mostrar uma compreensão de mundo mais crítica e reflexiva.

Na próxima seção, analisaremos as transcrições das entrevistas, buscando compreender as representações dos sujeitos em relação ao tema gênero, nas aulas de Educação Física no IFAP.

3.2 ESTUDO ANALÍTICO SOBRE GÊNERO APLICADO AOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO IFAP

Todas as etapas de desenvolvimento da pesquisa serviram para ratificar um pressuposto retórico que versa sobre a complexidade existente ao se tratar e discutir a temática sobre gênero e as relações de gênero, seja sob a ótica da estrutura social vigente, ou da formação educacional, moral e cidadã dos indivíduos que constituem a sociedade. Este fato não se diferiu na análise qualitativa desta pesquisa realizada com docentes e que teve seus objetivos voltados para o contexto educacional das relações de gênero no ensino da Educação Física do IFAP.

Diante desta lógica posta, o primeiro ponto enigmático marcador da circunstância problematizada está na dificuldade de se compreender o significado, o conceito, a definição do que é gênero e do que se trata a discussão a respeito das relações de gênero, especialmente dentro dos debates teóricos construídos através do pós-estruturalismo.

Neste cenário de campo discursivo os sujeitos N1 e N2, ao emitirem suas representações da palavra gênero e a relação de gênero, demonstraram possuir uma base de entendimento do conteúdo atrelada às primeiras correntes caracterizadoras de gênero, que eram bastantes carregadas dos preceitos binários, idealizadas sob o princípio da igualdade entre homens e mulheres. Ainda que suas falas, em alguns pontos, destoem um pouco da pergunta central sobre o tema discutido, em análise geral, tal conjectura ganha nitidez ao observarmos os seus relatos:

N1: "A palavra gênero, para mim, principalmente dentro das aulas de Educação Física, é uma palavra muito abrangente (...). A palavra gênero, acho que dentro da Educação Física, é tudo, porque a inclusão envolve isso também. Antigamente as meninas, principalmente, eram excluídas nas aulas de Educação Física, a gente via uma Educação Física muito masculina, quando professor divide a quadra um lado para meninos e outro para as meninas(...). Por isso acredito que o tema gênero para ser tratado nas aulas é algo que precisamos ter muito cuidado, principalmente nas aulas práticas. Para mim a relação de gênero nas aulas de Educação Física é um conteúdo que a gente não pode deixar a desejar".

N2: "Para mim a palavra gênero antes, no passado ela não definia ninguém, depois ela foi ganhando outro sentido e para eu explicar o significado de gênero, hoje, a meu ver é a forma como você se identifica, é como se compreende o seu eu individual, a forma como me compreendo e me conheço(...). A Educação Física é uma disciplina de movimento e na prática esportiva ainda se tem relações conturbadas envolvendo esse aspecto de gênero, por conta do machismo que existe, está presente nas práticas educativas, é enraizado tradicional que reforça as diferenças(...). Mas vejo que ainda perdura, essas relações tendenciosas e seletivas para o público masculino, especialmente em algumas modalidades esportivas a gente consegue ver isso. Eu acredito que ainda é bem presente o machismo nas aulas de Educação Física e vejo isso não só pelas atitudes dos meninos como também das meninas que acham que ali não é o seu lugar.

Notamos ainda, que as descrições do significado feitas pelos sujeitos são muito amplas e geradoras de subjetividades. Ainda assim, é possível, a partir dos relatos, construir uma ideia com uma materialidade básica do termo gênero, pois apesar das concepções retratadas divagarem na explicação da palavra gênero e serem restritivas na explanação dos componentes que contornam as relações de gênero, elas conseguem gerar uma abstração que não é completa, mas que caracteriza de forma global a ideia da expressão em questão.

Vejam os esse aspecto pelo ponto de vista dos sujeitos N3 e N6 que, em suas falas, dialogam com algumas das teorias utilizadas nesta pesquisa e que definem o vocábulo gênero pelas lentes de uma abordagem das ciências humanas e sociais, por exemplo, que o conceituam como sendo o reflexo de uma construção social que se contrapõe à ideia binária do sexo oposto sob a interpretação das ciências biológicas.

N3: Eu penso em gênero como uma palavra de construção social, cultural, do que se faz com a gente e com o outro. Gênero, não é algo dado, fechado, é uma construção mesmo dos nossos modos de fazer e viver. Não existe um ou dez gêneros, existem vários, isso é cada pessoa.

N6: Gênero para mim é uma questão de identificação. Como você se identifica com algo com o qual você mais se aproxima, é uma possibilidade que você manifesta, a partir das preferências que você tem. Em relação a comportamento e várias coisas que você quer para sua vida, é uma escolha.

Percebemos que as falas dos sujeitos acima, N3 e N6, complementam as falas dos sujeitos N1 e N2, adicionando elementos que permitem acreditar que possuem uma visão mais integral, referente ao debate apresentado no referencial desta pesquisa. As falas possuem desdobramentos sociais da perspectiva do conceito que hoje temos de gênero. Para Louro, Felipe e Goellner (2013) e Louro (2014) o gênero, nesta concepção, consideram homens e mulheres como produtos de uma realidade social, dissociados da vertente que os assenta unicamente por sua anatomia física.

Em prosseguimento, ainda temos dentro deste aspecto analítico a apresentação de três sujeitos N4, N5 e N7, que trazem no teor de seus discursos, uma compreensão contrastante que evidenciou o entendimento de um conceito de gênero com características ligadas à natureza, ou seja, ao natural, uma concepção conceitual na qual gênero está para cultura, como sexo para natureza.

N4: Gênero pra mim é uma definição que as pessoas usam para definir algum tipo de.. (pausa), ou se é homem, ou se é mulher, ou se é cis, transgênero, ou trans. Enfim, uma infinidade de situações que a gente vê hoje que é até eu me perco, mesmo sendo do grupo também (risos). (Grifo nosso).

N5: Gênero eu entendo que seja uma condição natural ou adquirida que um cidadão apresenta perante a sociedade. Relações de gênero, primeira coisa eu acredito que o ser humano é um animal que necessita de

relações interpessoais para viver e essas relações acontecem de diversas formas. Então, invariavelmente, buscando a necessidade de se relacionar, eu acredito que o relacionamento de gênero é algo natural a acontecer.

N7: Para mim gênero é a identificação mesmo de homem e mulher. Relações de gênero nas aulas de Educação Física é a troca que a gente tem com os alunos e entre os alunos, sobre respeito, não sei explicar direito, eu não saberia conceituar. É complicado responder, por que a gente acaba não estudando, não lendo nada sobre isso, o que sabemos é o que a gente aprende vivendo. Mas acredito que seja isso, o convívio, aprender a respeitar o outro. (Grifo nosso).

Sobre essa perspectiva, pontuamos que a ideia que estes sujeitos têm do conceito de gênero está marcada por um discurso permeado de padrões estereotipados e pré-estabelecidos e que também é limitado pela falta de conhecimento que se tem em relação aos debates de gênero dentro dos preceitos pós-estruturalista.

Essas disparidades são assinaladas por Scott (2011) e Louro, Felipe e Goellner (2013) ao discorrerem que por muito tempo foi sustentada essa separação considerada inata, seguida de uma manutenção das diferenças decorrentes de razões biológicas, que nos faz refletir sobre a necessidade de compreender os sujeitos como históricos e socialmente construídos.

Para Butler (2019) é justamente essa dualidade do sexo em um domínio pré-discursivo, que traz estabilidade e assegura a binaridade do sexo, tornando efeito/causa para construção cultural do que designamos de gênero.

Sobre o panorama, o conceito de gênero defendido por Haraway (2004) foi desenvolvido com a finalidade de contestar a naturalização da diferença sexual entre homens e mulheres em múltiplas arenas de luta. Para Carvalho (2009), essa distinção binária foi baseada em dois lados, o da Natureza (retratada pelo sexo) e o da Cultura (representando o gênero), em síntese, supõe que “o sexo é uma base (natural, biológica, invariável) sobre a qual as culturas constroem, por meio da socialização, diferentes concepções do que seja um homem ou uma mulher, isto é, características individuais de gênero” (p. 101-102).

Notemos também que ao fazer uma análise do relato dos docentes com afirmativas desses autores encontramos similaridades e convergências, por mais que os apontamentos dos docentes tenham sido postos de forma livre, intuitiva e espontânea, a ideia central binária que coloca em lados opostos homens e mulheres é dedutível quando fazemos a análise de seus discursos.

Para Butler (2019), e Louro (2014), pode-se inferir que uma superação destas desigualdades instauradas torna-se possível como as mudanças nas estruturas simbólicas que compõem as relações de poder entre homens e mulheres, logo, devemos pensar características construídas historicamente e, por isso, passíveis de mudanças e ressignificações. Relembrando

Scott (1995), que conceitua gênero como uma “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 88).

Diante disso, o que se pode abstrair é a existência de uma demanda por formação, construção, disseminação e acesso a novas informações, conteúdos e fomento do próprio debate que permeia a busca por uma compreensão mais objetiva do conceito de gênero e suas relações, por parte das e dos docentes de Educação Física do IFAP.

Em se tratando do segundo fator de análise levantado na pesquisa a respeito de como se dá a relação de gênero e quais diferenças ganham maior nitidez no cotidiano das aulas de Educação Física do IFAP, o que sobressai no discurso dos sujeitos, em primeira instância, são as diferenças marcadas pelo sistema cultural definido pela binaridade. Pois vemos, que as diferenças citadas nas falas recaem sob a mesma linha divisória que modela dois espaços, o dos homens e o das mulheres. Esse enquadramento se desdobra no que é permissível, adequado e pode ser feito pelo menino e pela menina, examinemos o teor dos seguintes discursos:

N1: O que eu observo muito é que as meninas se sentem muito excluídas das aulas de Educação Física, principalmente nas aulas práticas de futebol. Porém algumas vezes as próprias meninas se excluem, pois preferem jogar vôlei, queimada. Na sala de aula as diferenças não se fazem nítidas, mas nas aulas práticas, por exemplo, os meninos sempre pedem para jogar um futebol no final da aula. Na primeira vez eu percebi que as meninas logo foram se sentar na arquibancada.

N4: No passado havia essa divisão, sem que fosse percebida, em alusão a minha época existia isso, as aulas de Educação Física era os meninos vão para o ginásio bater bola e as meninas vão jogar queimada, tinha sim isso, meninas para um lado e meninos para outro.

N2: As diferenças mais marcantes entre meninos e meninas no início do meu trabalho, era essa questão do machismo.

N7: Nas atividades que formo grupo de dança, por exemplo, teve turmas que todos participavam, gostavam. Outras não, os meninos já não queriam.

Constatemos dos relatos que o eixo divisor que alimenta as diferenças constrói-se inicialmente pelo mesmo fator determinante: a classificação sistematizada para homens e mulheres. Percebemos, no discurso, que apesar das turmas serem mistas, um dos principais e primeiros problemas ainda enfrentados é o da exclusão. Interessante, que apesar dos relatos e da afirmativa acima, não podemos generalizar uma exclusão somente das meninas, mas, observar que o gênero se torna uma categoria que se relaciona diretamente com conteúdo, com as aptidões físicas e as habilidades corporais.

Pesquisas como de Altmann (2015), ratificam que as diferenças entre os gêneros aconteciam na década passada e interferem, ainda hoje, de forma direta na participação dos discentes nas aulas de Educação Física.

Luz Junior (2003), nos traz dados importantes em sua pesquisa, fazendo-nos refletir que há quase duas décadas mostravam-se resultados de trabalhos na área da Educação Física apontando ser fundamental perceber gênero também como um conceito político que cria relações sociais, marcando as feminilidades e masculinidades construídas culturalmente e historicamente. E ainda, que “Gênero, portanto, demonstra que não são somente as características sexuais que efetivamente constituem masculino e o feminino, mas a maneira como são apresentadas e representadas” (LUZ JUNIOR, 2003 p.105).

Além disto, foi apresentado dentre os discursos dos sujeitos, uma exposição que merece destaque por trazer uma visão carregada de preceitos que mostram exatamente onde estão as amarras que dificultam e criam lacunas para os que não conseguem enxergar o problema atrelado às diferenças postas sob a ótica das relações de gênero no ensino da Educação Física, em sua prática dentro e fora do ambiente escolar.

N5: Diferença entre meninos e meninas nas minhas aulas vejo que os meninos são mais adaptáveis nas forças das atividades que nós promovemos, o menino tem uma coordenação motora mais desenvolvida, não é muito comum você encontrar isso nas meninas. Como nas minhas aulas as atividades são essencialmente práticas, de cara eu percebo isso. Algo que é natural de uma sociedade conservadora, eu percebo isso, um menino mais bruto e com mais habilidades motoras, a menina mais sensível e menos apta fisicamente. Eu identifico que as meninas têm menos habilidades, elas são mais resistentes as atividades que eu promovo nas aulas. A questão das habilidades é algo externo que eles trazem e pela escolha do curso, acaba sendo cultural e isso precisa de uma análise que a gente nunca tabelou isso e é uma situação da gente rever.

A interpretação dessa narrativa, nos remete à reflexão sobre o prisma de uma questão de gênero que coloca a mulher sempre como elemento frágil e sem habilidades quando se trata da execução de atividades que em tese “são exclusivas dos homens”. Retornando ao debate anterior traçado através de Altmann (2015) e Luz Junior (2003).

Essa perspectiva nos remete à compreensão de uma lógica perversa que limita as escolhas de uma pessoa. Para Louro (2014) ao falar de representações docentes diz que “Paralelamente à emergência e à força das novas práticas sociais, as formas tradicionais continuam atuando, elas não são, apesar de tudo, completamente superadas ou apagadas (p.112).

O discurso do sujeito nos leva ao entendimento que a estrutura vigente induz a uma escolha pré-concebida dentro da instituição escola. Com isto vem uma reflexão: “quem dicotomiza essas escolhas?”; “ou quem estipulou que a escolha de um curso nos levar a ter determinadas habilidades natas?”. Para Louro, Felipe e Goellner (2013, p. 45):

[...]é necessário admitir, ainda, que o questionamento de sistemas e instituições, práticas e sujeitos solidamente estabelecidos como central, que hoje é levado a efeito, não implica negar que o centro permanece como uma atraente ficção. (...) uma história

que tem sido constantemente reiterada – e por isso parece tão verdadeira (LOURO, FELIPE E GOELLNER, 2013, p. 45).

Neste caso, assuntos tão imbricados com os estudos de gênero que caracterizam uma Educação Física voltada para o aspecto de quem tem maior desenvoltura para atividades manuais e os que tem para atividades intelectuais. Parafraseando Louro (2014), ao falar da construção escolar das diferenças, diz que a escola foi:

[...]concebida inicialmente para acolher alguns – mas não todos – ela foi lentamente sendo requisitada por aqueles/as aos/às quais haviam sido negadas. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículo, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, “garantir – e também produzir – as diferenças entre os sujeitos (p.61).

Ainda se tratando deste ponto analítico, temos o discurso dos sujeitos N3 e N6 que trazem para o debate das diferenças das relações de gênero nas aulas de Educação Física os apontamentos dos traços e sinais resultantes da carga cultural que os discentes trazem para as aulas e que influenciam na postura, no comportamento, nas escolhas e preferências individuais e coletivas dos alunos.

N3: No cotidiano das minhas aulas as diferenças marcantes que percebo entre meninos e meninas como eu disse antes está relacionado à carga de experiência cultural e vivência que cada aluno tem. Isso vem para a escola e a gente percebe na fala dos alunos e alunas que eles estão marcados por padrões e eles expressam isso nas aulas. Por exemplo, meninos majoritariamente tem preferência e querem praticar um tipo específico de esporte e o mesmo ocorre com as meninas. Dando exemplo, no futebol, os meninos querem e as meninas não, por que, na realidade da vivência, elas são excluídas desse processo, o que torna a inserção delas difícil. Justamente, por serem excluídas elas desenvolvem o sentimento de que aquilo não é mesmo para elas, não faz parte do mundo delas, quando simplesmente, elas só são culturalmente excluídas. O mesmo vale para os meninos em outras atividades práticas, eles dizem ah! Eu não quero fazer isso, por que é coisa de menina e não de menino. Ou seja, fora da escola foi colado para eles que tem coisa de menino e de menina e ele só replica na escola isso. Não é algo simples tratar sobre gênero e tentar pôr em prática essa não divisão do sexo biológico nas aulas. Justamente por esbarrar em questões culturais. Acredito que as diferenças, postas nesta realidade interferem sim, nas aulas, e que como professor eu tenho que lidar com isso, não impondo o que é certo ou errado, mas explicando que as diferenças existem e fazendo com que o aluno reflita sobre isso.

N6: Diferenças perceptíveis entre meninos e meninas que eu vejo, por exemplo, o modo de vestir, vou dar um exemplo, no IFAP temos o uniforme de Educação Física, e ele normalmente é feito colado para as meninas e frouxo para os meninos, eu acho muito engraçado isso (risos) e as meninas não querem usar por conta da violência de gênero, ela tem direito de usar como ela quiser, essa coisa de apertado para meninas e frouxo para os meninos foi uma coisa que a sociedade colocou. Mas as meninas já conseguem furar essa barreira, se elas não se sentem bem elas não usam. Outra diferença, eu percebo, por exemplo, na questão de disputa. Antigamente a gente via a mulher considerada mais fraca, por N's motivos e o homem mais forte sempre, como se fosse um

domínio. E hoje, a gente, não vê mais isso dessa forma nas minhas aulas de Educação Física os meninos e meninas disputam de igual para igual. Estão são sempre inseridos dentro do mesmo contexto, e eles disputam se vendo no mesmo patamar.

Os traços culturais marcadores das diferenças entre meninos e meninas acabam se tornando fatores limitantes ao ensino e a prática de Educação Física escolar, como foi apontado na narrativa dos sujeitos. Sem dúvida a apresentação desse cenário nos remete ao pensamento que questiona, como superar essa adversidade? Como trabalhar ou construir no conteúdo de ensino da Educação Física as ferramentas adequadas para atingir uma mudança efetiva, de quebra de paradigmas e desconstrução dos princípios e padrões culturalmente pactuados e naturalizados, ainda vigentes, sem gerar distorções negativas que apenas dê uma nova roupagem ao mesmo elemento sem de fato transformá-lo?

As respostas para estas perguntas ainda estão longe de serem totalmente encontradas. Contudo, se os educadores deixassem de considerar toda essa diversidade como problema e focar suas práticas sociais como parte constituinte de um tempo que vive em transformações, talvez a escola se tornasse um ambiente bem mais humanizado com uma realidade bem mais produtiva para estas relações (LOURO, FELIPE E GOELLNER, 2013).

Para Louro, Felipe e Goellner (2013) existe a possibilidade de uma escola que consiga desestabilizar, desnaturalizar e desconstruir práticas docentes como aquelas, o que Altmann (2015) reforça chamando de “Genereficação de habilidades” (p. 107-11).

Avançando para a verificação dos espaços que os e as docentes de Educação Física do IFAP costumam utilizar em suas aulas e, ainda, identificados os espaços, apontar dentre os usados, quais, segundo a percepção dos sujeitos, as diferenciações nas relações de gênero são mais visíveis? Exploreemos o que foi dito pelos sujeitos:

N1: Faço uso de espaços para trabalhar a Educação Física o meio ambiente, aulas práticas de aventura na natureza. Então, usamos todos os espaços possíveis, as áreas externas, a sala de aula, o ginásio, até mesmo o espaço do campo agrícola. Agora o espaço onde é mais visível de se ver as diferenças de gênero nas aulas é na quadra, nas aulas prática. (Grifos nossos).

N2: Eu faço uso de praças públicas, quadras do IFAP, sala de aula, auditório, laboratório de informática e áreas de convivência do IFAP para aulas ao ar livre. Bom quando acontece de termos situações visíveis de diferenças de gênero ainda que de forma mais rara, a quadra é o espaço onde há maior ocorrência dessas situações, é uma fala, uma atitude, que desagrada. (Grifos nossos).

N4: Os espaços que uso para as aulas no IFAP é o ginásio [...]. O espaço onde as diferenças ficam visíveis eu vejo que acaba sendo no ginásio mesmo, a sala de aula acaba sendo trabalhada mais as questões teóricas. (Grifos nossos).

N5: Os espaços que uso para as aulas de Educação Física são a quadra, o ginásio, a área do entorno do ginásio, no jardim aquele espaço entre os blocos principais sala de aula e sala adaptada para as aulas teóricas e práticas sobre lutas. Não costumo usar espaços externos fora do IFAP. Dos espaços que uso onde fica mais evidente a diferença na relação de gênero entre meninos e meninas é na quadra mesmo. (Grifos nossos).

N6: Os espaços que utilizo para dar aula no IFAP os espaços físicos eu já utilizei desde o banheiro (risos). Gosto muito de usar espaços externos, externos a quadra principalmente. Eu gosto que os alunos vejam que não precisa só ter uma quadra bonita com espaço delimitado do IFAP, para que a prática da atividade do exercício físico ele aconteça. Eu também amo a sala de aula, até porque eles tenham acesso a conteúdo, façam apresentações, possam debater, fazer anotações. A gente usa espaços que costumam ser muito utilizados pelos amapaenses como a orla de Macapá. Os espaços onde ficam mais visíveis as diferenciações nas relações de gênero, é na quadra. Eu percebo que por ser um ambiente familiar para alguns, alunos atletas que temos, por exemplo, a maioria são biologicamente do sexo masculino, eles sentem como um espaço de domínio deles. (Grifos nossos).

N7: Os espaços que uso para dar aula de Educação Física são os básicos, a sala de aula, a quadra, trilhas, área de convivência, área verde ao redor do campus. Fora do instituto era só nos eventos de dança. Desses espaços onde ficam mais visíveis as diferenciações das relações de gênero e na quadra acho que isso é inquestionável. (Grifos nossos).

Denota-se das explicações que, mesmo havendo diversidade de espaços utilizados nas aulas de Educação Física escolar do IFAP, a quadra foi posta com unanimidade pelos sujeitos como o espaço físico onde se ressaltam as diferenças das relações de gênero. Neste caso, torna-se importante refletir sobre quais fatores são determinantes para transformar esse espaço físico da prática docente da Educação Física em uma arena fértil das expressões de dualidades entre meninos e meninas.

Tais apontamentos dos sujeitos sugerem uma disputa por espaço incessante perpetuada ao longo de décadas. Para Louro (2014) a escola possui gênero, sendo ele masculino, bem como Louro, Felipe e Goellner (2013) traz em seu texto relações de gênero assimétricas percebidas em sociedade pautadas pela diferença, e Altmann (2015) aponta que dentro das aulas de Educação Física sempre existiu uma rivalidade instaurada em os meninos serem os primeiros, da escola atual, adentrarem a quadra, e meninas, depois, alimentando uma disputa por espaço que “apesar dos argumentos contrários, meninos e meninas passaram a frequentar a mesma escola, e nela o jogo tornou-se um instrumento de diferenciação e hierarquização dos sexos” (ALTMANN, 2013, p.115).

Percebamos que, ao mesmo tempo em que as relações de gênero se desenvolvem no ambiente escolar, muito se reproduz da realidade fora dos muros da escola. A preocupação das práticas do docente deve estar “conectada” ao que acontece fora do muro das escolas. Nesta

perspectiva, refletamos sobre o atual cenário político e a realidade do ambiente escolar, e da Educação Física analisada por este estudo.

Avançando na matéria resultante do estudo chegamos no objeto que tange sobre os aspectos pedagógicos e de conteúdos trabalhados no ensino da Educação Física do IFAP pelos docentes da instituição. Ponto ao qual fez-se averiguação junto aos sujeitos da pesquisa se existia algum momento destinado a discutir ou trabalhar relações de gênero nas aulas de Educação Física. Também, foi feito inquérito se dentre os conteúdos lecionados, quais as e os professores julgam mais propício para falar sobre questões de gênero na Educação Física Escolar.

Avaliando o que foi reportado pelos sujeitos N1, N2, N3 e N6, percebemos, ainda que não esteja previsto dentro do currículo de ensino da Educação Física do IFAP, que obviamente deve seguir a matriz de um plano educacional nacional, esses indivíduos encontram formas e adequações metodológicas, onde buscam integrar o ensino e a aprendizagem sobre as relações de gênero em suas aulas. Quanto aos conteúdos que consideram mais propícios são convergentes no pressuposto de tratar-se de um conteúdo transversal, que cabe ser abordado dentro de diversas matérias, com ênfase, nos conteúdos práticos referentes a futebol, futsal, ginástica, dança, saúde, educação sexual, carreira e mercado de trabalho.

N1: Esse conteúdo das relações de gênero deve ser obrigatório nos PPC's, e deve sim ser trabalhado pelos professores com previsão dentro do PPC, pois uma vez fui questionado pela pedagoga, sobre estar trabalhando esse conteúdo que não estava contido no PPC. Eu tive que explicar que esse é um conteúdo de fundamental importância, principalmente nas aulas práticas, porque existe a exclusão de meninos e meninas a depender do esporte que se põe em prática nas aulas. Essa é uma briga que travamos pela inclusão do conteúdo de relações de gênero no PPC e a padronização de uma linguagem única desses conteúdos em todos os cursos do IFAP. (Grifos nossos).

N2: Eu sempre gosto de trabalhar esse assunto nas minhas aulas. A fala o diálogo sobre esse assunto é uma forma da gente desconstruir preconceitos, então eu sempre tento colocar a turma para debater sobre isso formo grupos para discutir as teorias de gêneros, a gente usa personagens para representar situações e ver qual o posicionamento da turma sobre as questões apresentadas. Até pesquisa sobre gênero usando o exemplo das olimpíadas e o contexto da participação das mulheres e dos homens analisando qual a dificuldade enfrentada por esses indivíduos, quais os esportes onde a presença feminina era maior ou menor. [...] As disciplinas e conteúdos que trabalho mais propícios para tratar de questões de gênero é quando trabalho os assuntos de saúde, educação sexual, mercado de trabalho e a carreira que eles pretendem seguir. (Grifos nossos).

N3: Eu ressalto que a temática referente à questão de gênero pode ser abordada em quase todos conteúdos trabalhados nas disciplinas de Educação Física. Essa questão de gênero eu vejo como um conteúdo transversal. Em alguns assuntos pode ser debatido com mais ênfase outros com menor, mas sempre vai perpassar por todos os conteúdos. A sociedade e as instituições, a igreja, a própria família, ao se tratar do corpo, sempre

tentam colocar todos na mesma caixinha. E nas aulas e todas as práticas corporais, por exemplo, temos sempre que voltar para falar ou esclarecer algum ponto dessa discussão sobre gênero. [...] Dos conteúdos mais propícios para tratar desse assunto de gênero é também na aula de dança, é o momento que explode as diferenças (risos). Porque, culturalmente no padrão é colocado que para homens não cabe essa prática e eles trazem essa informação para as aulas. Então o conteúdo de dança é onde há expressividade das questões de gênero. (Grifos nossos).

N6: Eu penso que todos os conteúdos são propícios, não existe um conteúdo que a gente veja como neutro e isento dessa parcialidade que a gente tem. A gente nota mais a diferença na quadra, no futebol, na dança e na ginástica, mas a gente trabalha também com o corpo, saúde, qualidade de vida e nesses conteúdos existe uma necessidade de se trazer à tona alguns comportamentos sociais que não era para a gente está tendo em pleno ano de 2021, não éramos para estar tendo essas conversas, mas elas ainda se fazem necessárias. Não sutil, mas de maneira clara percebemos essas violências, falo violência, porque muitas vezes nos deparamos com atitudes absurdas resultantes de atitude de um aluno que não consegue refletir sobre a carga que ele traz. Eu não acho que exista um conteúdo só propício, costumo trabalhar em todos os conteúdos. Mas onde ocorre uma oportunidade maior para abordagem do assunto é na ginástica [...]. (Grifos nossos).

No discurso desses quatro sujeitos (N1, N2, N3, N6) é visto com clareza as dificuldades que se contrapõem no cenário de ensino da Educação Física no que concerne ao trato de temas relacionados a estudos, relações e questões de gênero e isso é ainda mais adverso quando se tem uma matriz curricular que não contempla a integração da temática, de forma transversal e interdisciplinar, conforme defendido por Louro (2014).

Paralelamente, temos os sujeitos N4, N5 e N7 que, por consequência de uma matriz que exclui a temática das relações de gênero de seu conteúdo, não trabalham esse objeto, ou, se o fazem, é de forma indireta, somente em momentos em que ocorra uma situação que traga à tona a questão. Para estes sujeitos os conteúdos propícios à abordagem das questões gênero estão nos tópicos relativos a esporte, ginástica, área fisiológica e sexualidade.

N4: A abordagem das questões de gênero na aula eu não faço de forma direta, mas indiretamente, por exemplo eu não chego e falo, hoje vamos falar de questões de gênero será que é isso ou aquilo, eu geralmente faço uma roda de bate papo e nas conversas abordamos várias temáticas e sempre surge esse assunto. No conteúdo mesmo do ensino da Educação Física, não existe esse tipo de temática para ser feito abordagem, não existem também a dança, o lazer e foi uma proposta já nossa dos professores de inserir isso, por que não faz parte do planejamento. No IFAP que estou lotado hoje, também não existe isso, e foi uma decisão minha inserir essas temáticas nas minhas aulas. (Grifo nosso).

N5: Nunca fiz isso. - (trabalhar as questões de gênero nas aulas. Dos conteúdos que leciono um conteúdo que ministrei sobre bioenergéticos, sistemas energéticos e relacionei com atividades e nesses conteúdos em que se trabalha sobre o funcionamento do corpo, sempre tem alguém que pergunta, do homem, da mulher. Falando de esportes, teve um dia que perguntaram sobre a situação, daquela jogadora de vôlei que não lembro o nome que é trans. [...] Na quadra na aula prática, só se houver uma situação em que eu perceber algum tipo de

preconceito, estranhamento entre os alunos. De repente até um comentário que poderia até ser uma brincadeira, mas que ofendendo, ou demonstrando algum preconceito, aí você entra, mas na prática desse dia do assunto de fisiologia, que eles me perguntaram se eu achava certo ou errado. Eu disse, não, eu acho errado. Aí eu falei para eles, lembra do eu falei do que é fenótipo e genótipo. Essa jogadora ela tem um genótipo que é diferente das outras, ela pode até ter um fenótipo hoje igual ao meio feminino, mas o genótipo dela não é igual, e por isso ela vai se destacar, algo que não é permitido, e por isso eu não sou a favor. Eles perguntaram se eu não achava que era uma forma de discriminar. Eu disse que acho que o problema está nas políticas públicas, porque se você percebe que não existe espaço para esse gênero, não vai ser um esporte de rendimento que vai transformar isso. Tem que fazer um trabalho de base, com o poder público proporcionando essa inclusão. (Grifos nossos).

N7: Eu nunca percebi a necessidade e realmente, nunca toquei nesse assunto em específico. Já dei uma aula sobre preconceito e geralmente vem essas temáticas, mas uma aula específica sobre o gênero eu nunca trabalhei. Dos conteúdos que leciono os que julgo propício para falar de questões de gênero na Educação Física escolar em conteúdo que envolve aspecto relacionado à sexualidade. (Grifos nossos).

Problematizemos um fator importante ressaltado por esses três e pelos demais sujeitos da pesquisa, que diz respeito à não contemplação no currículo de ensino da Educação Física de conteúdos relacionados a estudos, relações e questões de gênero. Fato que se reflete na prática docente dos professores seja pelo entrave em trazer para as suas aulas a temática, desafiando o sistema posto e fechado da estrutura curricular, ou no revés de ter que moldar seus métodos de ensino para poder abarcar esse tema, conforme, Louro, Felipe e Goellner (2013). Além disso, tem-se ainda o espelhamento dos que cedem às imposições regulamentares e que acabam, não trabalhando de forma efetiva a matéria envolvendo o tema gênero.

Por outro lado, percebe-se na fala do sujeito N5 que a temática de gênero só vem à tona em suas aulas quando o docente é provocado, sendo de forma reativa. Isso é posto por Louro, Felipe e Goellner (2013), quando tratam da estrutura ocidental que só é posta em cheque quando questionada: “O centro, materializado pela cultura e pela existência do homem branco ocidental, heterossexual e de classe média passa a ser desafiado e contestado [...] de um modo praticamente inabalável, a posição privilegiada em torno da qual tudo mais gravita” (p.44).

Adentrando para a avaliação referente à forma como os sujeitos da pesquisa enxergam a escola e, neste ponto, como o próprio IFAP pode colaborar para que o tema relações de gênero seja mais amplamente discutido, especialmente em se tratando do ensino teórico e prático da Educação Física.

Ao analisarmos o relato dos sujeitos, nota-se um ponto de conversão entre as exposições de que é clara a necessidade de integrar para o contexto da escola e de suas práticas as questões relacionadas a gênero e que, nesse sentido, a instituição tem sim uma responsabilidade tão grande, se não maior que a responsabilidade dos próprios docentes, visto

que, a regra, a organização e o poder de reformular um currículo está deliberadamente nas mãos dos gestores escolares como um todo. Consideremos o teor dos relatos:

N1: No campus Porto Grande a temática de relações de gênero é muito abordada, principalmente por que o pedagogo daqui já trabalha com essas questões relacionadas a gênero e por isso eu busquei me apoiar nele somar com ele, conversamos sobre fazer palestras, trazer professores que falem sobre o tema para os nossos alunos do IFAP. Porque essas diferenças de gênero, a gente percebe que não é só na aula de Educação Física como também nas aulas práticas de outras disciplinas, por exemplo na aula prática agrícola de campo, coloca-se os meninos para capinar, por que menina, não pega na enxada. Essa realidade só pode ser mudada através do conhecimento, com palestras, minicursos que trabalhem essa temática. Estávamos propondo isso já, mas veio a pandemia e paralisou tudo.

N2: A instituição pode colaborar nesse aspecto, primeiramente, criando uma política institucional que proporcione um ambiente favorável as relações de equidade, isso é uma questão de gestão mesmo, de traçar em seu planejamento ações que visem democraticamente a igualdade, adoção de práticas que valorize igualmente os indivíduos, e formar a qualificação, capacitação, cursos e debates nessa área e acerca dessa temática.

N4: A forma como a escola pode colaborar para que tema seja mais difundido, relações de gênero, estudo de gênero, questões de gênero. Acho que podem ser organizados eventos para discutir sobre isso, afinal, não se trata de algo isolado de um único conteúdo, pode ser abordado em diversos momentos, como uma palestra, até para os pais mesmo participarem, pois eles têm mesmo uma cabeça mais fechada.

N5: [...] Por isso eu acho que a escola deveria trabalhar no sentido de proporcionar respeito. Ensinando a respeitar pessoas eu acho até que você não vai mais precisar fazer esse trabalho que você está fazendo (risos). Então eu penso dessa forma, eu acho que trabalhar a educação com essa perspectiva de saber respeitar as pessoas a gente não teria que entrar tanto nesse assunto. Se a escola se preocupasse, claro tem a formação cidadã, mas se preocupasse mais com a formação acadêmica e profissional da pessoa e concomitante, fizesse um trabalho de fiscalização e apoio familiar, para ajudar as famílias na questão do respeito as pessoas, de entender que as pessoas têm direito de escolher o que elas querem ser, você não estaria fazendo esse trabalho agora, eu tenho certeza disso.

N6: O IFAP já nos incentiva bastante a trabalhar de forma conjunta, seja com projetos, usando espaços formais e também fora da sala de aula. [...] E eu vejo que a gente precisa trazer isso para esses espaços, somente enquanto projeto extra, para fora da sala de aula e do próprio IFAP. Mas quando o projeto não é obrigatório, nem todo mundo participa. O núcleo de apoio psicológico e pedagógico da instituição, a gente percebe um esforço muito grande deles para que esses temas que são sensíveis para a sociedade, sejam tratados, eles adentrem o muro da escola e não fiquem só fora. [...] Acredito que essas ações precisam ser institucionalizadas para que haja a integração de todos. Nas ementas dos cursos por exemplo, tem que ter inserida essa temática, em alguns casos se não for posto como uma obrigatoriedade, acaba nem sendo lembrado.

N7: Na instituição é preciso instigar mais a conversar sobre esse tema, fazer a gente refletir. Ter momentos como esse da entrevista que levam a gente a fazer uma reflexão sobre esse assunto. Primeiro com os professores, e eu não estou falando de capacitação, mas de conversas, diálogos mesmo, depois com alunos. Trazer para dentro da escola esse tipo de conversa. Com os adolescentes vejo que temos mais liberdade para ter essas conversas, eles nos ensinam muito na verdade [...].

Outro ponto que se depreende da análise é a própria resistência de alguns sujeitos que apresentam uma postura negadora da existência e manutenção de padrões que sustentam e alimentam a problemática das relações de gênero.

Emerge do exposto, a reflexão que questiona o seguinte: o posicionamento deste e/ou destes sujeitos representam o posicionamento da maioria, e a instituição escolar como um todo tem ciência ou também nega estes fatos? E a questão pungente disso tudo é: o que podemos fazer diante dessas reflexões?

Sobre a importância de as e de os docentes falarem deste tema na escola e nas aulas de Educação Física:

N1: *Meu posicionamento como professor de Educação Física sobre falar nas aulas de relações gênero, considero que é indispensável, não podemos passar batido nessa temática e vemos que isso está sendo esquecido nos PPC's, pois não se vê a relação de gênero como conteúdo a ser abordado nas aulas, é só esporte, esporte e assuntos batidos como a questão da postura corporal e outros. A gente acaba ficando muito preso ao PPC e tendo pouca liberdade para trabalhar o que não está contido nele. [...] No transversal fica a ideia de pode ou não abordar e eu penso que este é um tema essencial, mas ao final, sempre iremos no cotidiano recorrer a este assunto, pois é comum situações em que o gênero será um fator de exclusão ou de sentimento de mais ou menos favorecida na atividade sejam os meninos ou as meninas.*

N2: *Meu posicionamento enquanto professora quase 10 anos de trabalho, minha postura é de nunca impor ou obrigar o outro a entender o que eu falo sob meu ponto de vista. Eu digo para os alunos duvidem sempre até do que eu falo, pois não quero que vocês achem que a forma como eu penso é a correta. Eu quero que o aluno, ou servidor, um colega de trabalho, pense sobre sua postura e reflita. Obviamente eu vou apresentar meus argumentos sempre que eu presenciar uma situação que envolva essa questão, não deixo passar, faço a intervenção, para que a pessoa possa entender o que ela está fazendo. Eu como mulher quero uma relação de equidade, não quero ser mais e nem menos que ninguém. Independente de gênero que se tenha todos merecem igualmente, respeito e oportunidade.*

N3: *Meu posicionamento é que a escola é um espaço para a gente discutir isso, mas confesso que ainda hoje, eu tenho certo cuidado na forma como faço essa abordagem sobre o tema, mas as aulas de Educação Física são propícias para se estabelecer esse diálogo sobre as diferenças.*

N4: *Meu posicionamento para falar desse tema nas aulas de Educação Física ou mesmo na escola é só de reforçar o que eles já compreendem, eles são tranquilos, a gente que pode achar que não, mas entre eles, existe uma naturalidade já sobre esse assunto, tanto que quando eu entro nesse assunto, eles dizem de novo professor.*

N5: *Meu posicionamento sobre estudos, relações e questões de gênero é de não ter que falar sobre esse assunto, meu objetivo é de entrar na sala de aula e não ter que falar sobre isso. Justamente pela premissa que eu tenho de vida e de cultura e isso é algo que está fora do que eu preciso discutir. Por que, eu não vejo, diferenças, então, entro com o pensamento de não ter que abordar isso. E se eu tiver que abordar é no sentido do que eu já falei de alertar que todos são iguais e não tem nenhuma diferença.*

N6: *Meu posicionamento sobre falar do tema gênero na escola e nas aulas de Educação Física é algo muito importante e natural, porque desde muito nova eu sempre questioneei algumas coisas. Eu pensava, por que eu não posso fazer isso, e fulano não pode, por que alguém olha diferente, o porque o fulano se incomoda se é a vida de outra pessoa. Desde nova eu faço questionamentos sobre comportamentos.*

N7: *Meu posicionamento sobre essa separação como professora de Educação Física, eu achava triste. Considero que todo mundo tinha que experimentar todas as modalidades e se encontrar no que gosta. Quando isso já é fechado, você não pode praticar esse esporte ou essa modalidade é uma forma de tolher, por que a gente ainda nem descobriu qual o talento daquela pessoa, de repente ele é um dançarino nato e vem alguém e diz que você não pode participar dessa modalidade. No caso das meninas, ela pode ser uma jogadora que ainda vai descobrir sua aptidão e tem alguém que diz que ela não pode jogar futsal ou basquete. Olha você é muito delicada para jogar isso aqui, nem se dá oportunidade e logo já se vai taxando. Acho triste, acho uma tolice e uma forma de tolher, tolice em todos os sentidos da palavra. [...] Conhecer para saber se posicionar e não só ir pela moda do momento. Preciso também conhecer para poder falar sobre isso.*

Observemos que apenas um sujeito expressou em seu posicionamento que não gostaria de ter que tratar desse assunto em suas aulas de Educação Física, e esta é uma questão problemática, visto que é papel do educador estimular o debate, elucidar e trazer à tona a discussão. Não é negando a existência do tema que ele deixará de existir. Além disso, outro sujeito afirma que, em suas aulas, “reforça o que os alunos já compreendem”. Também se configura como um ponto de reflexão, visto isso vai de encontro ao papel do educador, levando em consideração o fato de que os alunos nem sempre possuem opiniões definidas sobre o tema.

Os demais apresentam uma linha de posicionamento em defesa da integração e da liberdade de poder abordar e tratar desse assunto em suas aulas, por considerar que se trata de uma demanda de formação cidadã, política, cultural, do desenvolvimento do pensamento crítico, da organização social e convívio coletivo.

Agora, diante de todos esses desafios, surgem inúmeras questões e, para que haja posicionamento, desdobram-se novas questões: O que podemos fazer diante destas revelações? Quais são as possibilidades hoje que temos? Onde precisamos inovar e quais são as nossas reais limitações, considerando aqui o cenário de ensino da Educação Física?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo central analisar as representações de gênero dos docentes do IFAP, por meio de categorias, quais sejam: entendimento do conceito e das relações de gênero, práticas pedagógicas da Educação Física na perspectiva dos estudos de gênero e o posicionamento dos docentes em relação ao debate das questões de gênero em suas aulas.

Antes de tudo é necessário romper com a categorização de que gênero envolve apenas duas categorias e que falar de gênero é, fundamentalmente, abordar as diferenças entre estas categorias. A discussão de gênero está pautada no campo do social, dos arranjos sociais construídos, produzidos e reproduzidos ao longo do tempo. É fato que a aproximação ou o afastamento com o tema, ao longo da vida, pode influenciar diretamente o comportamento dos indivíduos.

Nesse sentido, percebeu-se que o conceito e as relações de gênero não estão traduzidos para todos os indivíduos, pois há a visão equivocada de que gênero é sexo e que, além disso, gênero se reduz ao menino e à menina, ao que é de menino e ao que é de menina. Esta visão binária apenas perpetua uma visão que não cabe na atualidade. Ainda, temos a distorção entre o conceito de gênero e as classificações relativas a orientação sexual – sem dúvida este é um campo que requer ampliação do conhecimento e debate sobre tais diferenciações.

Percebe-se um constructo e uma representação social que ultrapassa gerações, que reproduz ensinamentos muitas vezes ancorados no senso comum e, portanto, prejudiciais ao debate de Gênero. Não se pode reduzir, a partir do determinismo biológico o debate de gênero, em que põe o menino/homem como mais apto a determinadas atividades ou, no caso da Educação Física, a determinados esportes ou atividades, por exemplo. Esta genereficação das habilidades faz parte da visão reducionista que limita a potencialidade das expressões e que, em muitos casos, determina até onde o indivíduo pode ir.

A quadra é o local onde as diferenças de gênero são mais expressivas, segundo os docentes. No entanto, o gênero perpassa todos os espaços. Torna-se necessária também a alteração desta percepção, pois seja na sala, ao ar livre, no ginásio, na quadra ou em qualquer espaço, se o docente não assumir a postura que lhe é de responsabilidade e para o qual deve estar preparado, os discentes continuarão reproduzindo que, nas aulas de futsal apenas os meninos devem participar e que, nas aulas que envolvam quaisquer atividades que não sejam futsal, as meninas ou todos podem participar.

Gênero é um campo de forças e, portanto, é um campo político. Por ser um campo político, de atuação de forças o papel do docente se torna ainda mais importante, pois ao contrário do que se observou, o papel do docente não é apenas reforçar comportamentos existentes ou agir de forma reativa, negando sua responsabilidade na formação dos discentes. É papel e, por assim dizer, obrigação do docente, de forma transversal, abordar este tema.

Ademais, o caso se torna estrutural quando, na verdade, não há base para tal, pois como se observou, o próprio processo de formação docente é falho, não dando espaço para a reconstrução, mas sim para a reprodução. Nesse sentido, é evidente falar que, embora existam ideias, evidências de entendimento, o debate e a formação no tema não são estimulados, em maior parte.

Por fim, enquanto não houver um discurso efetivo acerca das práticas, dos comportamentos, da produção e reprodução de visões, haverá partes ou indivíduos que serão subjugados, sendo de forma intencional ou sutil. Não há espaço para a negligência, para a ação de forma reativa, para a negação da existência deste campo político. Não há espaço para a sutileza no debate. Faz-se necessário o tratamento transdisciplinar e a preparação dos educadores, em especial, os de Educação Física.

É necessário combater, pois não se aceita em uma escola um processo de ensino-aprendizagem como algo excludente, discriminatório, sexista, reducionista que determine papéis, que segregue, limite e seja capaz de romper com as potencialidades dos indivíduos. Pelo contrário, é papel da escola do docente apresentar as possibilidades, com a responsabilidade que a função lhe confere, levando em consideração todos os preceitos e bases legais da escola e das instituições.

Em conclusão, cabe destacar que a Educação Física, como as demais áreas do conhecimento, para além dos seus conteúdos curriculares integrantes da matriz, tem papel fundamental no autoconhecimento dos indivíduos e, neste caso, dos discentes. Destaca-se, por fim, que não se pode de forma alguma – e reiteradamente, negligenciar este papel, pois à medida em que isso acontece, há a condenação de um grupo de indivíduos e não só deles, mas de outros que com os quais ele convive.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Educação Física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez, v. 11, 2015.

BARROS, R. D. D. **GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP: Uma reflexão a partir da Teoria QUEER**. Patos/PB: Absoulute Christian University, 2019.

BEAUVOIR, S. D. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 4ª. ed. São Paulo: Difusão européia do livro, 1970. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2018/03/beauvoir-o-segundo-sexo-volume-11.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.

BRACHT, V. **A Educação Física escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que pode ser (elementos de uma teoria pedagógica para a Educação Física)**. Ijuí: Unijuí, 2019.

BRAGA, M. Debater sexualidade e gênero em sala de aula é um direito constitucional. In: CANOSA, A. **A conversa sobre gênero na escola: aspectos conceituais e políticos-pedagógicos**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019. p. 141-154.

BRASIL. **Planejando a Próxima Década: conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2014. Disponível em: https://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf. Acesso em: 22 fev 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 22 fev. 2021.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 18ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2019.

CASTELLS, M. O Poder da Identidade. In: _____ **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e terra, v. II, 1999.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9ª. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. Cap. 2, p. 30-53.

IRINEU, L. M. et al. **Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave**. 1ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

JUNIOR, N. P. et al. Gênero no Contexto da educação física: uma revisão de literatura. **Revista Spacios**, Caracas, v. 39, n. 40, 2018. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a18v39n40/a18v39n40p01.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2022.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 16ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. 9ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LUZ JÚNIOR, A. A. **Educação Física e gênero: olhares em cena**. São Luís: Imprensa universitária/UFMA/CORSUP, 2003.

MAIO, E. R. O Começo dessa história: discussões iniciais sobre gênero. In: CANOSA, A. A. **A conversa sobre gênero na escola: Aspectos conceituais e políticos-pegagógicos**. Rio de Janeiro: Wark Editora, 2019. Cap. 1, p. 17-30.

MATOS, N. D. R. et al. Discussão de gênero nas aulas de Educação Física: uma revisão sistemática. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 47, p. 261-277, maio 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/21758042.2016v28n47p261>. Acesso em: 13 jan 2022.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade**. 9ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. Cap. 1, p. 11-29.

PETERS, M. Estruturalismo e pós-estruturalismo. In: PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Tradução de Tomaz Tadeu Silva. Belo Horizonte: Autentica, 2000. Cap. 3, p. 20-34.

RESENDE, V. D. M.; RAMALHO, V. **Análise do discurso crítica**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

RIBEIRO, D. **Lugar de Fala**. 1ª. ed. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, p. 71-99, jul/dez 1995. ISSN 2175-6236.

SEPULVEDA, J. A.; SEPULVEDA, D. Conservadorismo e seus impactos no currículo escolar. **Currículo Sem Fronteira**, 19, n. 3, Set-Dez 2019. 868-892. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss3articles/sepulveda-sepulveda.pdf>. Acesso em: 22 fevereiro 2021.

SILVA, C.V; AGUIAR, E. T. D. Gênero na Educação Física: uma revisão sistemática. **XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**, Campinas, 2019. Disponível em:

<https://proceedings.science/conbrace-2019/papers/genero-na-educacao-fisica--uma-revisao-sistemica>. Acesso em: 30 jan. 2022.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. Cap. 2, p. 73-102.

SILVA, T. T. D. **Teoria cultural e educação**: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

WILLIAMS, J. **Pós-estruturalismo**. Tradução de Caio Liudvig. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

APÊNDICE A - TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA-CAMPO



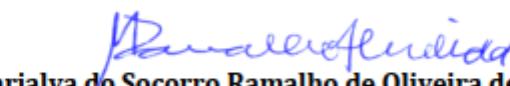
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ
GABINETE DA REITORIA

CARTA DE ANUÊNCIA

DECLARAÇÃO

Eu, Marialva do Socorro Ramalho de Oliveira de Almeida, na qualidade de Reitora do **Instituto Federal do Amapá**, autorizo a realização da pesquisa intitulada **Gênero na Educação Física Escolar: As representações das e dos docentes de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP)**, a ser conduzida sob a responsabilidade do pesquisador discente **Dennys Max dos Santos da Conceição**; e DECLARO que esta instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Conselho Nacional de Saúde – Comissão Nacional de Ética em Pesquisas – CONEP para a referida pesquisa.

Macapá, 26 de maio de 2021.


Marialva do Socorro Ramalho de Oliveira de Almeida
Reitora do IFAP
Decreto de 08 de Outubro de 2019

APÊNDICE B – MENSAGEM AOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO IFAP

Oi, meu nome é Dennys Max dos Santos da Conceição, sou professor de Educação Física, estou cursando o Mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), e por isso queria muito que você fizesse parte da construção da pesquisa, que também se tornará uma dissertação intitulada “Gênero e Educação Física escolar: as representações das/dos docentes de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP)”.

O objetivo desta pesquisa é de analisar as representações das relações de gênero das e dos docentes de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP).

Conforme contato prévio, para tornar-se sujeito você precisa estar atuando como professora ou professor de Educação Física no IFAP. Sua contribuição se daria através:

- 1- Preenchimento do formulário no Google Forms (link em anexo) que consta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de cessão de uso de imagem e/ou voz para fins científicos e acadêmicos, que sinalizará seu aceite.
- 2- E a participação na entrevista on-line, através da plataforma Google Meet, conforme data e horário disponibilizados por você. O registro será feito através de uma gravação de áudio e vídeo, e sua identidade será mantida em sigilo assegurada pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Então, aceita o meu convite para uma conversa que contribuirá para o crescimento da nossa Educação e para a Educação Física?

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor contatar diretamente o pesquisador pelo contato (91) 99205-7863 / E-mail: profdennys.conceicao@gmail.com, ou com o orientador pelo E-mail: demiltop@gmail.com

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
(Resolução 466/2012 CNS/CONEP)**

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado "Gênero e Educação Física escolar: as representações das/dos docentes de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP)". O objetivo deste trabalho é analisar as representações das e dos docentes de Educação Física acerca das relações de gênero no IFAP. Para realizar o estudo será necessário que o(a) Sr.(a) se disponibilize a participar de um questionário e uma entrevista, previamente agendadas a sua conveniência. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro de promoção de diálogos que possa problematizar as desigualdades pautadas nas relações de gênero que adentram no ambiente escolar, sobretudo na Educação Física. Os riscos da sua participação nesta pesquisa são: invasão de privacidade; constrangimento; perda do autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados; e cansaço, em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual o(a) Sr.(a) receberá uma cópia.

Entre os principais benefícios da pesquisa: contribuir na compreensão de relações sociais nas mais diversas áreas do conhecimento, para outros trabalhos científicos e em espaços como nas universidades, política e também na organização social da Educação, bem como na Educação Física; possibilitar desdobramentos que nos permita entender diversas formas de dinâmicas culturais e sociais que tendem a influenciar, questionar e/ou reforçar as mais diversas teorias que contribuem para a formação da sociedade.

O(a) Sr.(a) terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através dos telefones: (091) 992057863, ou pelo e-mail: profdennys.conceição@gmail.com. O senhor(a) também poderá entrar em contato com professor orientador desta pesquisa pelo e-mail: demitop@gmail.com, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador - Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones 4009-2804, 4009- 2805. Desde já agradecemos!

Eu _____ declaro que após ter sido esclarecido(a) pelo pesquisador, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada "Gênero e Educação Física escolar: as representações das/dos docentes de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP)".

Macapá, ____ de _____ de 2021.

Dennys Max dos Santos da Conceição
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP
Celular: (091) 992057863 / e-mail: profdennys.conceição@gmail.com

Assinatura do Sujeito de Pesquisa

APÊNDICE D – TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM E/OU VOZ PARA FINS CIENTÍFICOS E ACADÊMICOS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**

TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM E/OU VOZ PARA FINS CIENTÍFICOS E ACADÊMICOS
Protocolo de Pesquisa, CAAE: 48781021.5.0000.0003 - CEP/UNIFAP, aprovado em 19 de Julho de 2021

Por meio deste termo, aceito ser participante do estudo “Gênero e Educação Física escolar: as representações das/dos docentes de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP)”, de forma livre e esclarecida, cedo o direito de uso do vídeos e/ou voz adquiridos durante a realização da entrevista gravada através da Plataforma Google Meet, instrumento de coleta de dados a que fui submetido ou durante a participação em estudo/pesquisa, e autoriza o pesquisador, Dennys Max dos Santos da Conceição, CPF 830.566.962-91, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), matrícula nº 2019101146, responsável pelo trabalho a:

(a) utilizar, vídeos e/ou voz obtidas na coleta de dados da pesquisa durante sua participação em estudo/pesquisa na produção da Dissertação, para fim de obtenção de grau acadêmico (e/ou divulgação científica), sem qualquer limitação de número de inserções e reproduções, desde que essenciais para os objetivos do estudo, garantida a ocultação de identidade (mantendo-se a confidencialidade e a privacidade das informações);

(b) veicular, a transcrição (texto) dos vídeos e/ou voz acima referidas na versão final do trabalho acadêmico, que será obrigatoriamente disponibilizado na página web da biblioteca (repositório) da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, ou seja, na internet, assim tornando-as públicas, garantida a ocultação de identidade (mantendo-se a confidencialidade e a privacidade das informações);

(c) utilizar, a transcrição (texto) dos vídeos e/ou voz na produção de quaisquer materiais acadêmicos, inclusive aulas e apresentações em congressos e eventos científicos, por meio oral (conferências) ou impresso (pôsteres ou painéis);

(d) utilizar, a transcrição (texto) dos vídeos e/ou voz para a publicação de artigos científicos em meio impresso e/ou eletrônico para fins de divulgação, sem limitação de número de inserções e reproduções;

O participante declara que está ciente que não haverá pagamento financeiro de qualquer natureza neste ou em qualquer momento pela cessão da gravação dos vídeos e/ou da voz, e que está ciente que pode retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma, salvo os materiais científicos já publicados.

É vedado ao pesquisador utilizar, os vídeos e/ou a voz para fins comerciais ou com objetivos diversos da pesquisa proposta, sob pena de responsabilização nos termos da legislação brasileira. O pesquisador declara que o presente estudo/pesquisa será norteado pelos normativos éticos vigentes no Brasil.

Concordando com o termo, o participante assina eletronicamente através do ciente abaixo e o pesquisador assina o presente termo, devendo permanecer uma em posse do pesquisador responsável e outra com o participante.

Dennys Max dos Santos da Conceição
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP
Celular: (091) 992057863 / e-mail: profdennys.conceição@gmail.com

APÊNDICE E – GUIA DE ENTREVISTA DA PESQUISA

Olá, fiquei extremamente feliz em receber seu consentimento e ressalto que sua colaboração será essencial para o sucesso desta pesquisa, lembre -se que você contribuirá de forma significativa para o desenvolvimento da nossa educação, e mais, tem a intenção de dar voz e vez a(o)s docentes para que possam se manifestar livremente sobre as “relações de gênero”, um assunto que está presente cotidiano da escola, sobretudo na Educação Física.

Nossa conversa terá uma duração de, aproximadamente, 30 a 50 minutos. **Lembro a você que, por ocasião da pandemia da COVID-19, estamos distantes, e estaremos utilizando a plataforma digital do Google Meet. Na publicação, seu nome será mantido em sigilo, então você pode se manifestar livremente que não irei permitir nenhum tipo de identificação sua como respondente nos resultados desta pesquisa. Vamos lá?**

Roteiro de entrevista semiestruturada

Para começar você pode falar o seu nome e local de atuação...

1) Sr.(a) xxxxxxxx qual o significado que você atribui à palavra gênero? Comente o que você entende sobre relações de gênero na Educação Física? Descreva algum fato ou vivência que você acredita que tenha influenciado na sua resposta.

2) Como é, ou como se dá a relação entre meninos e meninas nas suas aulas? Descreva as principais diferenças entre meninas e meninos, no cotidiano das suas aulas de Educação Física? Como esta relação de gênero, caso for desigual, podem interferir nas aulas de Educação Física? Quais os espaços que você costuma dar aula de Educação Física no IFAP? Dentre estes espaços utilizados, onde você percebe que as diferenciações nas relações de gênero ficam mais visíveis?

3) Existe algum momento destinado a discutir ou trabalhar relações de gênero nas aulas de Educação Física? Dos conteúdos que você leciona, quantos você lembrar, quais você julga mais propício para falar sobre questões de gênero na Educação Física Escolar?

4) Agora pense no seu ambiente de atuação no IFAP, local onde você está atualmente lotado, como você pensa, ou de que forma, que a escola pode colaborar para que este tema, relações de gênero, seja mais amplamente discutido? E qual seu posicionamento, sobre falar deste tema na escola e nas aulas de Educação Física?

5) Caso tenha alguma coisa a acrescentar, o que achou da pesquisa, relatos, partilhas, inquietações que não foram perguntadas e que estão relacionadas com o tema, sinta-se à vontade.

APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA DA PESQUISA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPESPG
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO - DPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGED



Instrumento de coleta 1: Questionário de Pesquisa

Declaro que li e estou de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de cessão de uso de imagem e/ou voz para fins científicos e acadêmicos, acima? *

- () SIM
() NÃO

1 - Nome completo do sujeito da pesquisa: _____

1.2- Data de Nascimento: ____/____/____.

1.3- Telefone para contato: (____) _____ - _____.

2 - Qual o ano de Ingresso na Instituição (IFAP)? ____/____/____.

2.1 - Unidade de lotação no IFAP, atualmente: *

- () CAMPUS OIAPOQUE
() CAMPUS LARANJAL DO JARI
() CAMPUS PEDRA BRANCA
() CAMPUS PORTO GRANDE
() CAMPUS SANTANA
() CAMPUS MACAPÁ

2.2 - Já trabalhou em outros Campis do IFAP? Se Sim, qual(is)?

3 - Qual o seu sexo biológico:

- () Feminino
() Masculino
() Intersexo
() Prefiro não responder ou não sei responder

3.1 - Expressão de gênero:

- () Mulher
() Homem
() Não Binário
() Prefiro não responder ou não sei responder

3.2 - Qual sua identidade de gênero: *

- () Cisgênero (identidade de gênero idêntica ao sexo que foi atribuído à nascença)
() Transgênero ou Trans (identidade de gênero não idêntica ao sexo que foi atribuído à nascença)
() Prefiro não responder ou não sei responder

4 - Graduação: Qual Universidade? / Ano de formação? ____/____/____.

4.1 - Pós-Graduação: Qual Curso?/ Qual Universidade? / Ano de formação?

_____, ____/____/____.

4.2- Durante sua graduação, pós-graduação ou formação continuada, você teve alguma disciplina ou já fez algum curso na perspectiva dos Estudos/Relações de Gênero?

- () SIM () NÃO

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Gênero na Educação Física Escolar: As representações das e dos docentes de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP)

Pesquisador: DENNYS MAX DOS SANTOS DA CONCEICAO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 48781021.5.0000.0003

Instituição Proponente: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.855.813

Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa segue à eferescência dos debates do feminismo, que desdobraram-se nos estudos de gênero, com intuito de aproximar e problematizar o tema da educação, sobretudo na Educação Física escolar do Instituto Federal do Amapá. A pesquisa não nega que existam diferenciações biológicas nos corpos dos sujeitos em sociedade, contudo acredita que a prática diária de perpetuar as diferenças sexuais originou essa divisão tornada natural, e ainda, que justamente estes argumentos sustentam um conjunto de estruturas significantes, como a heterossexualidade compulsória determinando ou pré-discursando sobre papéis e funções de mulheres e homens. Neste contexto, objetivará analisar as representações das e dos docentes de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP), acerca do tema gênero. Este pesquisa de campo com abordagem qualitativa (FLICK, 2009), terá como aporte teóricos autores como Butler (2019), Beauvoir (1970), Louro (2014), Meyer (2013) e Louro, Felipe, e Goellner (2013). Assentada numa perspectiva pós-estruturalista de Williams (2013), permitindo acreditar que para esta pesquisa as próprias instituições, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis e política de uma sociedade são constituídos, atravessados e produzem representações e pressupostos de femininos e de masculinos. Contudo, torna-se possível desnaturalizar o entendimento de um corpo somente como uma entidade biológica que originou e perpetuou diferenças entre homens e mulheres, ou que serviu de pano de fundo para a cultura

Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek de Oliveira - Km.02, Marco Zero
Bairro: Bairro Universidade **CEP:** 68.902-280
UF: AP **Município:** MACAPA
Telefone: (96)4009-2805 **Fax:** (96)4009-2804 **E-mail:** cep@unifap.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP



Continuação do Parecer: 4.855.813

produzir desigualdades. O caminho metodológico constitui-se, a priori, de três etapas: 1) levantamento bibliográfico; 2) Coleta de Dados; e 3) sistematização e análise de dados, elegendo-se a Análise do Discurso Crítica (ADC) em Resende e Ramalho (2017) como técnica de análise de dados. Espera-se que os resultados sejam promissores ao criar este espaço de diálogo com os saberes das e dos docentes, permitindo reflexões para futuros trabalhos na educação brasileira, que pretendam refletir sobre as relações de gênero nas aulas de Educação

Física, pensem sobretudo, no que diz respeito à práticas educativas voltadas para uma desconstrução, reconstrução, e mais reflexões sobre essas relações no ambiente educacional.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Analisar as representações das relações de gênero das e dos docentes de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP)

Objetivo Secundário:

- Compreender o debate sobre o tema gênero no cotidiano das professoras e dos professores de Educação Física escolar;
- Caracterizar o IFAP, bem como, a Educação Física neste lócus;
- Analisar de que forma percebem, significado dado ao tema gênero, e como toma forma nas práticas pedagógicas, bem como, repercute na atuação profissional destes docentes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Existe alguns riscos inerentes à esta pesquisa, observada por este pesquisador como:

- Invasão de privacidade;
- Constrangimento;
- Perda do autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados;
- Cansaço;

Para tanto esta pesquisa com intuito de tomar providências e minimizar tais riscos e danos compromete-se a seguir o que consta na Resolução CNS 96/1996, relacionada à Pesquisa com Seres Humanos, respeitando o seu direito de:

- Ter liberdade de participar ou deixar de participar do estudo, sem que isso lhe traga algum prejuízo ou risco;
- Manter o seu nome em sigilo absoluto, sendo que o que disser não lhe resultará em qualquer dano à sua integralidade;

Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek de Oliveira - Km.02, Marco Zero
Bairro: Bairro Universidade **CEP:** 68.902-280
UF: AP **Município:** MACAPA
Telefone: (96)4009-2805 **Fax:** (96)4009-2804 **E-mail:** cep@unifap.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP



Continuação do Parecer: 4.855.813

- Interromper a participação na pesquisa caso se sinta incomodado (a) com a mesma;

Benefícios:

Entre os principais benefícios aponta-se:

- Contribuir na compreensão de relações sociais nas mais diversas áreas do conhecimento, para outros trabalhos científicos e em espaços como nas universidades, política e também na organização social da Educação, bem como na Educação Física;
- Possibilitar desdobramentos que nos permita entender diversas formas de dinâmicas culturais e sociais que tendem a influenciar, questionar e/ou reforçar as mais diversas teorias que contribuem para a formação da sociedade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e exequível

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos apresentados

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado fazendo apenas a ressalva que os riscos citados como sendo (de acordo com a Resolução CNS 96/1996), estão também de acordo com a Resolução CNS 466/12, conforme está descrito no próprio TCLE do referido projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1741908.pdf	23/06/2021 17:12:13		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodepesquisaa.pdf	23/06/2021 16:38:19	DENNY MAX DOS SANTOS DA CONCEICAO	Aceito
Declaração de concordância	CartadeAnuenciadolFAP.pdf	21/06/2021 23:25:13	DENNY MAX DOS SANTOS DA CONCEICAO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tclemodelounifap.pdf	21/06/2021 23:24:55	DENNY MAX DOS SANTOS DA CONCEICAO	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostodennys.pdf	21/06/2021	DENNY MAX DOS	Aceito

Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek de Oliveira - Km.02, Marco Zero
Bairro: Bairro Universidade **CEP:** 68.902-280
UF: AP **Município:** MACAPA
Telefone: (96)4009-2805 **Fax:** (96)4009-2804 **E-mail:** cep@unifap.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP



Continuação do Parecer: 4.855.813

Folha de Rosto	folhaderostodennys.pdf	23:23:34	SANTOS DA CONCEICAO	Aceito
----------------	------------------------	----------	------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MACAPA, 19 de Julho de 2021

Assinado por:

**Francisco Fábio Oliveira de Sousa
(Coordenador(a))**

Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek de Oliveira - Km.02, Marco Zero
Bairro: Bairro Universidade **CEP:** 68.902-280
UF: AP **Município:** MACAPA
Telefone: (96)4009-2805 **Fax:** (96)4009-2804 **E-mail:** cep@unifap.br